Julia Lopes de Almeida

Maternidade

EDITORA
Olivia Herdy de Cabral Peixoto
Rio de Janeiro

MATERNIDADE

OBRAS DA MESMA AUTORA

Traços e Iluminuras
A Familia Medeiros
A Viuva Simões
Memorias de Marta
Livro das Noivas
A Falencia
Historias da Nossa Terra
Ansia Eterna
A Intrusa
Livro das Damas e Donzelas
Cruel Amor
A Herança
Eles e Elas
Correio da Roça
Quem não Perdoa }
Doidas de Amor } Teatro 1 vol.
Nos Jardins de Saul }
A Silveirinha — romance.
Era uma vez — novela
A Isca — novelas
Jornadas no meu País
Jardim Florido
Maternidade
Os outros

DE COLABORAÇÃO

Contos Infantis, com Adelina L. Vieira.
A Casa Verde, com Filinto de Almeida.
A Arvore, com Afonso Lopes de Almeida

A PUBLICAR

Conferencias
O Dinheiro dos Outros — teatro
Ela — teatro

Julia Lopes de Almeida

Maternidade

EDITORA
Olivia Hèrdy de Cabral Peixoto
Rio de Janeiro

Á Exm.ª Sra. D. Olivia Herdy de Cabral Peixoto, editora deste livro, ficam nesta pagina consagrados os agradecimentos da

Autora.

Ás minhas amigas e consócias da «Bibliotheca del Consejo Nacional de Mujeres de la Republica Argentina», cuia acção altamente educativa é tão admiravel; ás fundadoras da «Associación Damas Patricias Argentinas de Santiago del Estero» em prol da Paz Permanente no Continente Sul-Americano, ofereço este trabalho como humilde contribuição do mesmo esforço.

É dever de todo o escritor que mal ou bem poz na Torre do Pensamento a lanterninha do seu nome, dizer o que sente sobre o problema mais aflitivo de todos os tempos — a guerra, — sobretudo quando esse escritor é mulher e contribuiu com o seu sofrimento e o seu sangue para o acréscimo da humanidade.

Amigas, lêde estas páginas de ideal pacifista e sentireis que elas se baseiam na verdade. São colunas frágeis fincadas em rocha indestructivel. Amarrei-lhes no topo a bandeira simbólica para que o Vento a agite e o Sol lhe doire e redoire a brancura, sem esperança de que os seus lemas valham para muito, mas com a certeza de que contribuirão para alguma coisa.

The hand that rocks the cradle rals the world.

A mão que embala o berço governa o mundo.

(Proverbio inglês).

PRELUDIO

PRELUDIO

Alta noite... silencio... no céu profundo a Lua derrama uma claridade que unge a terra de bençãos... A cidade repousa. Torres altas de igrejas emergem da casaria como pastores de pé dentre rebanhos agachados. Sóbe para as estrelas o aroma das plantas enamoradas; o proprio mar de aguas livres se concentra numa ebriedade extática...

Na paz da noite o homem dorme. Se não sonhasse!

*
* *

Mas há alguem que não dorme, que não sonha, que não se deixa penetrar por pensamentos criadores. Esse tem os olhos acêsos, está no meio do sossego sagrado como um lobo num prado á espera do momento do assalto. Corróe-lhe a alma um só desejo: o de conquistar seja o que fôr sacrificando embora seja quem fôr... Sua língua ensaia as mentiras mais comprometedoras, sua voz

os tons mais disfarçados e com os dedos espatulados e impacientes, traça planos diabólicos, fabríca intrigas, escreve telegramas falsos, indica o caminho dos campos de batalha e das prisões. Esse insone é o forjador das guerras, o invejoso da mocidade alheia, o inimigo das Mães...

*

* *

Nove meses de angustia, nove meses nauseativos, mal dormidos, mal vividos, de corpo pesado, alma cheia de apreensões aterradoras, e eis que em ondas de sangue e dor

nasce um menino, linda promessa de um futuro risonho.

Começa então uma outra historia mais comprida: aleitamento, exgotamento... noites a embalar, a espreitar o sono lindo, madrugadas forçadas, braços cansados, e, a cada febrinha: — morre?! — não morre?... — Mais um dentinho! E agora já se fírma nas perninhas e dá o primeiro passo... e balbucia as sìlabas divinas!

Correm os dias, cheios de sobresaltos. Chega por fim o tempo do colegio.

O pai é pobre, trabalha para educar o filho... A mãi é pobre, trabalha para que o seu menino assea-

do e feliz, frequente as aulas com todo o esmero. E assim, só á força de sacrifícios é que ambos, envelhecendo, matando-se, tornam o filho apto para ganhar a vida honradamente, alegremente.

É então que o levam para a guerra. Parte. Quando volta, se volta, é outro homem. Indiferente ou estropiado, mal humorado ou cégo...

*

* *

O homem é vitima da guerra. Entretanto, quem faz a guerra? O homem. Mas o que a determina não

se sujeita ás suas agruras. Os que a sofrem, os que tremem de medo e mesmo a tremer têm de se pôr em frente dos seus canhões; os que, por bondade natural e espírito de confraternidade humana não podem nem sequer admitir a ideia de matar ninguem e que apezar de tudo têm de se sujeitar ao negregado papel de caçador de homens, são os mandados, os arrebanhados, que á ordem: — ou vai ou morre — seguem para diante, deixando atrás de si almas esmagadas, braços contorcidos pelo desespero.

É justo?

*

* *

Ergue-se o Sol cobrindo os campos orvalhados de extensos lenços de ouro claro. Cantam os pássaros e a terra freme no anseio criador da produção. É a estação propícia ao semeador que não tarda. Já deve estar em caminho, com o avental carregado de sementes e a cabeça repleta de esperanças... Mas, se ele aí vem, por que não chega? Os bons momentos vão passando

E ele não veio, nem virá, porque, ao sair da sua porta ainda a sonhar

com promessas de fartura, alguma coisa mais forte do que a sua vontade levou-o para outro campo, onde, em vez de semear grãos de cereais que alimentam a vida, semeará o ferro das balas, que produzem a morte.

*

* *

Doce luar dos namorados, como fazias alvejar as laranjeiras floridas do meu jardim!... Na envolvência da tua luz maravilhosa parecia-me perceber mãos diáfanas de noivas procurando colher dentre o verdor das folhas as grinaldas simbólicas, até

que uma voz, vinda de não sei onde, murmurou:

— Para quê? Recolhei o vosso gesto, mãos amorosas, os vossos noivos foram para a guerra.

E o vento espalhou as flores.

Como o chão ficou branco... branco e triste...

*

* *

Acalentando o filho pequenino a mãi cantarola em versos saídos do coração:

«Que Deus te dê juizo, meu amor, para bem te governares na vida;

E saúde para trabalhar, e honrar tua terra;

E bondade para espalhares felicidade ao redor de ti;

E alegria, para encheres tua casa de bom humor;

Que Deus te faça bom filho, bom irmão, bom esposo, bom pai e bom amigo;

Que sejas corajoso e que sabendo construir honestamente a tua ventura e a dos teus, saibam igualmente as tuas mãos espalhar justiça para com os estranhos.

Que assim seja, meu Deus».

Se a mão que embala o berço governasse o mundo...

*

* *

Ele partio para a guerra com entusiasmo. Tinha a alma belicosa. Já o trem que o levava se perdia de vista e ainda ele sacudia o seu *kepi* militar gritando aos que ficavam:

— Até á hora do triunfo!

E toda a sua beleza viril resplandecia de entusiasmo...

Na sua triste casa silenciosa a familia amargurada contava os minutos da separação. Como custava a chegar a hora do triunfo! Até que

emfim chegou, e nesse dia foram dois soldados bater-lhe á porta. Traziam um fardo ao colo. Esse fardo era ele, sem braços, sem pernas, um tronco apenas ainda palpitante, com a cabeça pendida para o peito e os olhos a arderem-lhe de inconcebivel amargura.

Oh, a guerra...

*
* *

Onde estará ele, esse rapaz, que numa tarde de Setembro de 1913 murmurou a meu lado, espraiando a vista do alto do Castelo de Chazeron pelas colinas em deredor:

«E pensar que toda esta placidez dos campos da França vai ser transformada no inferno das batalhas!

Como eu olhasse para ele admirada:

— Pois não sente que a guerra aí vem?

Sim, eu sentia que a guerra aí vinha, mas não era a que veio, era outra. Era a guerra das cidades, não deste ou daquele povo, mas do mundo inteiro. O que não me podia passar pela cabeça, jámais, era a idéia de que nestes dias, que eu tão céga supunha civilizados, fosse dado á humanidade entrar em lutas tão desvairadas como as que a Prussia ateou

na Europa em bem má hora, para si e para os outros.

E porque falámos nós de guerra, naquela tarde outonal em que na envolvência de uma luz de oiro e violeta tudo parecia infiltrado de bondade e de pacificação? Fosse pelo que fosse, o certo é que desse momento sinto agora uma impressão de estranheza e de piedade. Piedade por aquela juventude, que a guerra talvez tivesse ceifado, estranheza de ter sido aquele moço, pouco mais que adolescente, o único francês a quem ouvi em França, já na visinhança da colossal catástrofe, uma tal previsão...

*

* *

A pensão modesta em que eu me domiciliara em Paris era frequentada por várias pessôas que levavam á maior evidência a demonstração de se não estimarem entre si. Um dia, conversando com uma delas sobre projectos que então acariciava de fundar uma revista literária no Rio de Janeiro, surpreendi num relance que consultava com um olhar muito significativo um compatriota seu de quem se dizia inimigo... Poderia eu imaginar que uma idéia de espiona-

gem, ou de suborno, pudesse latejar nessa indagação silenciosa e fugitiva?

*
* *

Voltando de uma estação de águas encontrei na Pensão uma hospede nova. Era uma linda mulher de olhos febris, cabelos escuros, exímia na arte de alvoroçar corações e que dizia ter abalado da sua terra só para a delícia de ouvir em Paris a Litivinia no «Tristan e Isolda»... Como era frequentadora da casa tinha ali os seus conhecimentos antigos. Sendo um dia interrogada por um deles

ácerca do marido exclamou triste-
mente que nesse mesmo dia recebera
dele uma carta muito queixosa, es-
crita de um sanatorio da Inglaterra
onde se internara para o tratamento
de uma chaga no estômago que o
reduzira a maïor magreza...

Qual a surpreza dela e de to-
dos, quando nessa mesma tarde o
marido apareceu inesperadamente na
Pensão, alegre e rubicundo...

E era uma perfeição de homem
que se não preocupava com as regras
da convalescença e ceava depois dos
espectaculos nos restaurantes mais
caros de Paris.

Havia naquilo um desacôrdo es-
quisito, e que só me ferio a ideia

quando anos depois, vi o nome desse senhor entre os das pessoas que em Londres foram condenadas á morte por crime de espionagem...

*

* *

Em Abril de 1914, a bordo do vapor que me trazia da Europa, disse-me um industrial estrangeiro que a sua patria se tornaria dentro de poucos anos no império do mundo.

— Mas como?

A isto é que ele não me respondeu.

*

* *

Estes factos insignificantes fazem lembrar o vôo de certas gaivotas que anunciam tempestade cruzando rapidamente o azul bonançoso em que pomos os olhos. No momento em que as vemos nada percebemos, mas depois do estalar do raio vem-nos á lembrança o impeto dessas asas e compreendemos então a sua expressão fugaz...

PRIMEIRA PARTE

«O nome de Mãi é como o nome de Deus, todos se lembram dele nas horas de desgraça, todos o esquecem nas rodas de prazer».

CARMEN SYLVA.

I

A felicidade basta-se a si própria, a dôr quer companhia.

Não é só a criança inconsciente que, ao sentir-se magoada, ou ao julgar-se ameaçada, grita instintivamente pela presença materna, clamando as duas silabas divinas: — Mamã! Tambem os adultos, ao serem golpeados por um desgosto profundo, pensam na mulher que lhes deu a vida, na certeza de que nin-

guem no mundo o compreenderia melhor, nem compartilharia tão bem o seu sofrimento.

Assim, a cada refréga do destino; a cada vacilação da vontade, a cada sombra de perigo, verdadeiro ou imaginário, desses que se erguem por vezes diante dos passos de toda a gente, só por excepção haverá quem não evoque das nevoas do passado, onde ela se sumio para sempre, ou do proprio presente ainda aquecido pela sua existencia, a doce, a grande amiga consoladora. Tanto o amor materno é o eixo em que gravita o mundo do sentimento humano, que, se por qualquer circumstancia algum dos nossos astros se apaga ou es-

corre para o vasio do espaço, logo o nosso pensamento se volta para ele para que nos mantenha no equilibrio moral e nos sustente na altura.

Se só as dôres que pungem, as grandes dôres profundas e silenciosas têm a faculdade de nos fazer sentir com toda a clarividencia a magnitude desse amor sem limites, a culpa é da natureza que não nos ensina senão a olhar para adiante.

No desejo de evolver, na ansia de criar, a humanidade caminha desde a infancia com os olhos no futuro, mal lhe importando o que lhe está ao lado ou lhe ficou para trás.

Lembrar, é função abstracta do espirito, excesso de sensibilidade,

cultivada mais pela inteligencia do que brotada das raizes naturais da Vida. Ninguem acende fachos para alumiar caminhos já andados, mas aqueles de que preciza evitar perigos ou em que haja alguma cousa a construir... Renovar, renovar, é a lei do mundo, e é no filho que a mãi se renova e continua. O amor dele por ela não tem a mesma razão egoista. Ser bom filho, é ainda por isso mesmo mais belo do que ser bom pai ou boa mãi. Escreveu Goethe que: «toda a pessoa que não tiver sentido veneração pelos pais não póde ser venerada pelos filhos. A corrente do Amor na familia preciza ser forjada em todos os seus élos com

a mesma liga de sinceridade e de resistência. Sabendo corresponder integralmente ao carinho com que foi criado o filho cede a um movimento menos animal do que oriundo do seu raciocínio ou dessa segunda natureza feita no homem pela civilização e de que afloram sentimentos tão delicados e subtis.

É por isso mais raro e mais comovedor ver-se no meio da multidão um mancebo a defender uma velhinha, do que ver-se uma mulher ainda moça a defender uma criança. Por que? Porque se presume que esta mulher represente um papel de que a propria beleza a torne orgulhosa, e que lhe é imposto pela natureza

impulsiva e aquele cumpre uma ação deliberada pela delicadeza piedosa do seu raciocínio e da sua consciência. É do fundo dessa consciencia que o nome de mãi irrompe como um brado de socorro, sempre que um perigo nos ameaça ou que um grande desgosto nos faz sofrer... Esquecido na alegria ele é então lembrado na adversidade...

II

Que importa a um moço marinheiro de corpo são e mente dada á aventura, que a mãi o quizesse para lavrar a terra á sua beira, se o que o seduz a ele é a imensidade do mar e o balouço da onda vária? Ao desejo que ela manifesta de o reter a seu lado, responde-lhe o filho com os seus ideais. Tem imaginação, tem ambições, anseios de independencia. Quer viver a vida da sua vontade.

Para isso o Destino o fez homem.

Que ha de fazer a mãi, senão submeter-se? Submete-se, e ele parte; e torna a vir, e torna a partir, e cada vez que parte leva uma esperança nova a luzir-lhe na mente e melhor traduz no olhar o gozo irrequieto de quem sai a percorrer novas estradas do mundo...

Lá chega, porém, um dia em que o alvoroço das outras viagens é substituido por uma certa tristeza, por um constrangimento de deixar o porto familiar, que assume agora aos seus olhos uma expressão mais carinhosa. Percebe, que, ao partir, deixará o coração ancorado á praia amiga, e chora...

São as lágrimas do amor, as lágrimas da saudade pela noiva que fica. É nela que pensa, é ela que o prende, é dela a imagem que leva no coração e não a da mãi.

Esta, logo que se lhe apresentou na vida a figura de outra mulher foi insensivelmente, suavemente afastada para um plano secundario. Não ha nisso abandono, ha expressões da natureza. Vida quer dizer: — criação! — e o homem que ama a mulher que o seu abraço fecundará, concentra nela todo o entusiasmo do seu pensamento, toda a razão de ser da sua existência.

Aparta-se o marinheiro absorvido pelos seus sonhos de futuro, pela visão radiosa do seu amor.

O mar é cerúleo, o céo de um anil ainda mais vivo e mais alacre, vôam as gaivotas em adejantes adeuses brancos, até que, pouco a pouco, desaparecem no horizonte os contornos da terra amada e o seu barco navega sosinho na superficie imensa do Oceano.

Começa então a contagem das horas de separação, e, nesses minutos de impaciência, é sempre a lembrança de uma outra mocidade, ainda mais linda e mais primaveril do que a sua que o chama para a patria, como um farol. Então o seu senti-

timento empresta a tudo que o rodeia e para que olhava antes com indiferença, uma voz que em segredo lhe sabe dizer cousas deliciosas. A espuma das ondas revolvidas, a aragem larga que lhe acaricia o rosto, a luz que desabrocha no céo desfolhando pétalas de luz nas águas trémulas, enchem-no de emoções novas, saudades felizes e esperanças num porvir admiravel.

Mas, lá vem um dia em que no horizonte distante surge uma núvem negra... oh, não é nada, um pontinho apenas, pairando no espaço infinito como uma insignificante asa de corvo. Em poucos minutos, porém, essa

asa insignificante se distende, cresce, empluma-se, e á sua roda outras aparecem em turbilhão com a mesma côr sinistra. É a tempestade. O vento engrossa, cavam-se abismos n'agua taciturna ou se alteiam ondas como montanhas vivas, e a cada rajada, a cada relâmpago, a cada movimento, o navio sacudido se desequilibra e desarticula e geme!

Oh, como as cousas mortas têm voz no sofrimento! Sobre o madeiramento que soluça em estalos consecutivos lutam os homens com a heroicidade na ânsia de vencer a tormenta, mas o mar é mais forte e, num repente, engole-lhes o navio. Então... então o nome que numa suplica pas-

sa por entre os lábios do marinheiro moribundo, não é o da noiva amada, é o outro, é aquele que em pequenino ele dizia a cada pisadela, a cada necessidade ou a cada susto: — mamã!

O instinto da criança não se perde no homem. Por mais forte, por menos sentimental ou mais independente que ele seja, carrega sempre no fundo inconsciente do seu ser, o temor do desconhecido, qualquer cousa de perturbadora significação que o faz apelar para a fonte da Vida, de que emanou.

III

A criança não tem medo da Morte, mas tem medo das trevas. Se acorda á noite a altas horas, e algum rumor lhe faz crer que andem ladrões em casa, ela chama pela mãi na certeza de que a sua simples presença espancará para longe todos os riscos terriveis de que se sente ameaçada! Na sua ideia, bastará que o frágil vulto dela apareça a seu lado para que a horda medonha que o seu pa-

vor faz imaginar já no seu quarto, já rente á sua cama, se suma espavorida...

A mãi é assim como que um ramo bento a esparzir pela casa bençãos e tranquillidade... Em que repousa, porém, essa confiança? Na certeza, na adivinhação da prodigiosa força do amor materno, esse amor criador de prodígios, afrontador de sacrifícios...

Sim, os maiores! Ha filhos que os esquecem, se os compreenderam; outros que não chegam mesmo a percebe-los e muitos que depois de tecerem pelas suas próprias mãos as malhas da sua vida particular, com a organização de um novo lar, dei-

xam no isolamento aquela para quem, desde que nasceram, eles resumiram sempre — tudo! E a mãi não protesta, não pede alívios de compaixão alheia para a tristeza do seu abandono, antes o recalca no coração, procurando esconde-lo do olhar de toda a gente... A maternidade é abnegada, sabe perdoar e transformar em flôres os próprios espinhos com que a dilacera a indiferença dos filhos.

Se voz extranha os censura por esse desamor, ela ainda os desculpa, alegando causas em sua defeza, chamando a si a responsabilidade de faltas que não cometeu. Não é só esta capacidade de sacrificio que faz

com que do amor das mãis se irradie felicidade sobre o mundo. A maternidade gloriosa não é unicamente a da mulher procreadora, mas sobretudo a da que, dando ao mundo homens da sua carne e do seu sangue, procura pelo influxo do seu amor e do seu conselho, dar á pátria homens dignos e bons.

A mãi que não se preocupa com a individualidade intelectual e moral do filho, não tem outra significação além da que têm os animais inferiores, nos quais o amor materno não deixa tambem de se revelar e em cuidados muito expressivos. Ninguem ignora que a maternidade inspira, mesmo aos bichos, os mais intimos

heroismos de que muitos guerreiros, dos mais atrevidos e considerados do mundo, não seriam capazes nunca!

Se nos irracionais ela é abundante em exemplos de intrepidez, na da humanidade esses exemplos, se têm na aparência uma feição menos trágica, são no fundo de muito mais terno e longo sacrifício...

Os animais só se preocupam com os filhos emquanto estes são pequenos. A mulher, até á morte...

IV

«O homem tem nas mãos o destino dos povos e a mãi tem nas mãos o destino dos homens».

Este aforisma atribue ao papel da mulher na sociedade a maxima dentre todas as responsabilidades humanas. Quer dizer que o homem nascido e criado pela mulher, dirigido pela mulher, será tanto mais digno quanto mais sabiamente ela lhe tiver ensinado na infancia e na adolescên-

cia a respeitar a vida e a considerar todas as suas bellezas morais.

Mas para sugestionar ideais superiores não basta o coração, nem essa especie de instinto que tão maravilhosamente segreda ao ouvido das mãis cousas encantadoras; é tambem precizo cultura, compreensão das paixões e das suas fraquezas.

Na sua — *Philosophia de Direito,* disse Larmonier que «nas sociedades modernas são as mãis que nos dão os nossos primeiros sentimentos e as nossas primeiras idéias. É a mãi quem reconhece o caracter e o genio do filho, aplaude a sua vocação, ampara-o contra a má disposição paterna, consola-o, fortifica-o e entrega-o por fim á sociedade».

O escriptor refere-se ás sociedades cultas, áquelas em que a mulher elabora, não só pelo influxo da sua intuição como pela da reflexão, na arquitectura de um edificio de que ela constróe apenas o alicerce, mas com firmeza, para que a obra do futuro não corra o risco de se desmoronar pela base.

Se é certo que as almas nascem já com as suas tendencias, suas qualidades ou defeitos, é tambem inegavel que a acção vigilante e o conselho atilado que impele sem violencia, póde melhorar os fracos e aperfeiçoar os fortes.

Por acreditar que as mãis têm nas mãos o destino dos homens, foi

que o celebre Scheridan concebeu a idéia de fundar na Inglaterra uma Educação Nacional para as mulheres. «As mulheres nos governam, disse ele, procuremos torna-las perfeitas. Quanto mais esclarecidas forem, melhor nos esclarecerão. Da cultura do espirito feminino depende a nossa cultura.

É com a mulher que a natureza escreve no coração do homem».

É possivel que Scheridan tivesse ido longe de mais, não serei eu quem negue nem quem o afirme, na crença em que estou de que, se a influencia do sentimento feminino é inegavelmente imensa na vida do homem, as aptidões masculinas para a alta

cultura são innegavelmente superiores ás da mentalidade da mulher.

Não sei até onde sentimento se possa separar de inteligencia, se são porém cousas distintas, visto que ha estúpidos bons como ha inteligentes perversos, deve-se educar o coração como se educa o cérebro fazendo-o compreender todas as modalidades, embora infinitamente versáteis da vida humana.

Para essa educação que a mulher deve infiltrar no espirito do homem sem que ele mesmo o perceba, porque a sua vaidade não o toleraria de outro modo, é que ela se deve preparar no sentido de tornar o seu espirito cada vez mais clarividente e mais justo.

Por emquanto, entre nós, pelo menos, a mulher é ainda uma vítima do seu meio. Ela se deixa imbuir pelas idéias que ouve debater á sua volta e muitas vezes mesmo excede, sem reflexão, em palavras impensadas certas opiniões que não podem, e de facto não estão de acordo com o seu modo mais intimo de sentir. É porque essas ignoram o que está no fundo da sua consciencia porque nunca as ensinaram a olhar para dentro.

Embora pareça estúpido o dizer-se, creio que teriamos alguma cousa a aprender em nós mesmas se prestassemos atenção a todos os indicios de forças que latejam sepultadas em nossa inteligencia, como

vestigios de um passado perdido ou como formação inda mal esboçada de um futuro diverso...

A «Escola para Mulheres» a que se referia Scheridan, não era para doutoras, mas para combate aos erros centenários e ás tradições injustas que ameaçam continuamente a tranquilidade do Lar: — O *home-sweet home!* — em que um poeta da sua raça consubstanciou a suprema harmonia e a mais perfeita felicidade do universo.

*
* *

Que lindas coisas saberiamos da Humanidade se, de cada uma das

suas civilisações, conhecidas ou presumiveis, nos tivesse ficado uma obra, em que os dedos imparciais da Historia tivessem gravado os feitos e os exemplos maternais do seu tempo; e isso sem comentarios, sem atavios, sem o recurso de sugestões pelo adorno da palavra estilisada, só pela exposição dos factos em si. No Egito, na India, na China antiquissima, nos povos mais exoticos, mais impenetraveis ou mais barbaros, veriamos com assombro religioso heroicidades, abnegações e virtudes, de nos fazerem dobrar os joelhos e erguer as mãos dando graças ao céu.

Nessa imensa biblioteca de indice uniforme, quantas maravilhas

imprevistas comoveriam o nosso sentimento...

*

* *

Em prosa larga, o escritor francês Aimé Martin, escancara em um dos seus livros as portas de uma prisão e concita o leitor a olhar para dentro.

«Lá vereis, diz ele, no meio de um punhado de homens que vão ser executados, um moço de fronte ampla, e radiosa que se ocupa em escrever os seus ultimos pensamentos. É Barnave, um dos maiores oradores da assembleia constituinte, o ri-

val de Mirabeau. Nesse instante terrivel êle pensa em sua mãi, é a ela a quem escreve agradecendo a coragem que o anima e com que momentos depois subirá ao cadafalso...

E é, ainda, com o mesmo espirito que aconselha á irmã querida:

— *É minha mãi quem deve educar teus filhos, ela lhes comunicará essa alma corajosa e franca que faz os homens e que foi para meu irmão e para mim superior a todo o resto da nossa educação.*

Como se advinhasse a tempestade que se desencadearia um dia sobre os filhos adorados, essa mulher energica tinha-os apercebido de coragem com que pudessem enfrentar a Dor e a propria Morte».

Foi esse mesmo amor profético que ditou a uma rude camponeza sem instrucção, insuflar no seu filho o gosto pela sciencia quando em pequenino lhe explicava sem outro auxilio mais do que o do seu entusiasmo e simples bom senso, as maravilhas da natureza, cujas interpretações lhe deram depois a ele tamanha celebridade!

Como a bondosa mãi de Kant, foi a de Cuvier, que instintivamente guiou o filho nos seus primeiros passos para os caminhos mais convenientes á aplicação do seu espirito. E assim muitas outras mãis felizes e ignoradas terão penetrado as tendencias dos filhos antes mesmo que eles

as tenham compreendido, ou antes: terão procurado desenvolver neles os seus próprios anelos, transmitindo-lh'os mais perfeitamente pela palavra do que mesmo pela herança do sangue.

V

Está escrito que a maior parte dos grandes homens tiveram por mãi uma mulher superior. Goethe dizia ter herdado do pai a estatura e o modo sério de encarar a vida, e da mãi a natureza jovial e a fantasia criadora.

Foram os dons maternos que o tornaram amado, não só no seu país como no mundo inteiro, bem sabido como é, que os homens de genio não

têm por patria só a terra em que nasceram. Foi isso o que fez dizer a um outro escritor da sua raça e do seu tempo o filosofo Schopenhauer, por ocasião da guerra napoleonica, escrevendo em latim ao Reitor da Universidade de Iena:

«Quando no princípio deste verão os ruidos da guerra enxotaram as Musas da Universidade de Berlim, eu afastei-me com elas, convencido de que o meu destino me chamava mais a servir a humanidade pela cabeça do que pelo braço, e que a minha pátria era maior do que a Allemanha!»

Se de artistas geniais fosse só composta a humanidade, a idéia da

guerra seria tão absurda para o mundo, quanto o é, ainda hoje, para a maioria dos individuos, a idéia da *Paz Universal!* Desgraçadamente predomina ainda o número dos que obedecem mais aos instintos da animalidade do que ás solicitações da Razão.

Tambem Schopenhauer tinha herdado da mãi o sentimento do belo e a faculdade de o poder exprimir em literatura, embora o seu sêr moral não lhe devesse nenhum benefício, porque ela não o soube nunca fazer feliz. Não faltou, por isso, quem tivesse atribuido a essa razão a antipatia manifesta do grande escritor pelas mulheres.

Seria na verdade querer tapar o Sol com uma peneira, negar a existência de mãis más e de má influência, mas é justo observar que a acção destas é quasi sempre inconsciente e desintencionada. Se a maior parte delas tivesse tido o espirito vasculhado por bons conselhos e uma educação firme e sã, o número das más seria ainda mais restricto e méramente constituido por perversidades doentias e irremediaveis!

Não é com excepções que se argumenta. Sobre as boas sugestões morais exercidas pelas mãis perguntou um escritor francês do século XVIII:

«Que poderão aprender de uma mulher um principe ou um rei?»

E ele responde:

«O que S. Luiz aprendeu de Branca; Luiz XII de Maria de Cleves; Henrique IV de Jeanne d'Albret. Entre sessenta e nove monarcas que tinham governado a França, sómente tres amaram o seu povo e esses tres, cousa notavel, foram educados por suas proprias mãis».

*

* *

L'avenir d'un enfant est toujours l'oeuvre de sa mére, disse Na-

poleão. Tambem ele, filho de um homem ocupadissimo, foi inteiramente dirigido pela mãi, mulher de grande energia. Avigorando no filho as qualidades de resolução e de coragem, ela não cogitou entretanto em insuflar-lhe o génio da guerra, que o celebrizou. Isso seria impossivel, porque maternidade e guerra são antíteses. Uma cria, outra destróe; uma é vida, outra é morte; uma é benção, a outra é maldição.

É certo que a história consigna como heroinas tipos de mulher que armaram outr'ora os filhos soldados, incitando-os a partir para a guerra.

Mas á clara luz da razão, e do sentimento essas mulheres não foram

heroinas, foram loucas, porque só a loucura póde explicar tão deshumano como terrivel gesto.

A guerra é detestada pelas mãis; nenhuma delas, medianamente equilibrada, incitaria no animo do filho pensamentos que lhe fossem favoraveis, nem mesmo pela previsão absurda de que essa guerra o fizesse um dia subir os degráos de um trono como o da França! Não é para as carneficinas asselvajadas dos campos de batalha que as mulheres, mesmo as mais ambiciosas, dão á carne da sua carne, á alma da sua alma, o sossego do seu pensamento, a beleza do seu corpo, a esperança da sua velhice. Para as mãis, fóra as excepções

com as quais não argumento, o mundo tem uma significação mais elevada e o homem um destino cuja perfeição será completamente atingida, no dia em que raiar no mundo inteiro o Ideal da Bondade e da Justiça.

Só então as mãis poderão abranger o universo com o olhar tranquilo, porque na sua consciência não pesará a dor de ter dado a vida, e ter criado filhos, para os vêr mutilar e matar a ferro e a fogo.

VI

A mulher começa a querer intervir no movimento político e social dos povos, e é nela que se póde incarnar a esperança de um trabalho assiduo em prol da Paz Permanente. O homem encarnará sempre esse problema como a maior das utopias, ainda não desenganado, como devêra estar, de que uma guerra não resolve situações e só serve para engendrar outras guerras.

A triste hora em que escrevo, após a terminação de uma das maiores, quiçá da maior guerra que tem havido no mundo desde que lhe conhecemos a história, em quantos laboratorios estudam já os sábios da quimica a fabricação de novos gazes asfixiantes ainda mais mortíferos do que os já conhecidos, e em quantas oficinas se preocupam mecanicos em construir maquinas de guerra, decisivas e de acção fulgurante! Os vencidos sonham com a — *revanche* — em vez de labutarem com todo o ardor da sua alma para a consolidação da paz...

Olhemos para os paises scandinavos e para a Holanda, para a In-

glaterra, para os Estados Unidos, para a Argentina, onde os protestos da mulher contra a guerra já passaram do domínio da queixa sentimental para os brados dos congressos e das associações femininas, que pouco a pouco se estenderão por toda a parte como verdadeiras maçonarias de mulheres, e pensemos tambem nós no que devemos fazer.

O que parece hoje a muita gente chuvisqueiro quasi ridículo, para o qual nem vale a pena abrir o guarda-chuva da precaução, tornar-se-ha amanhã em regato, com poder bastante para pouco a pouco se ir infiltrando nos terrenos mais duros, até chegar a ser uma onda caudalosa que

por todo o globo alastre a sua agua fertilizadora.

Quem, com maior convicção e mais puro ardor do que as mãis, trabalhará para a realização desse sonho?

*

* *

Não só as mulheres de grande fulgor mental ou competência educativa adquirida pelo estudo, que podem ser classificadas de — mãis superiores — mas todas aquelas cuja bondade e cujo amor saibam, em-

bora inconscientemente, insuflar virtudes na alma dos filhos.

Ninguem sabe quem foi a mãi de Dante; ninguem sabe quem foi a mãi de Schakspeare.

É espantoso que, em toda a obra deste poeta, entre todos o maior conhecedor do coração humano, e quem melhor soube encarnar em personagens eternas os sentimentos mais activos do homem de todos os tempos, não figure nenhuma representação sequer do amor maternal!

Ao contrário; na galeria maravilhosa e tão profundamente verdadeira de Schakspeare, se ainda ha molduras de veneração para os pais, para as mãis não ha nada, porque elas ou

são más, ou são nulas e muitas vezes a necessidade da sua acção é preenchida por aias ou por madrastas.

Hamlet, fala á sombra do pai e não perdôa á mãi, criminosa.

Ophelia venera Polónio, como Cordélia adora o Rei Lear. Miranda repousa em Próspero; Jessíca obedece a Schylock; Desdemona refere-se ao Senador Brabantio, Marina é filha de Péricles; Branca, de Affonso, Rei de Castella; e Margarida, de Reignier, Duque de Anjou. O exemplo poderia ser mais extenso: Lavinia, Créssida, Thaïsa, Lady Mortimer, não me lembra tel-as visto jámais acompanhadas pelo vulto amoroso da mãi As outras figuras do

peregrino poeta ou têm madrastas ou mãis insignificantes. E é comtudo mais velho do que o maravilhoso poeta inglez, o aforisma que diz que «A Vida e os livros ensinam muita cousa ao homem, mas as mais belas e profundas que ele sabe são ainda as que aprendeu no regaço materno».

Se Raphael, se Murillo, se Miguel Angelo, e outros pintores e escultores da antiguidade não tivessem guardado na memoria o olhar com que as mãis os viam em pequeninos, não encontrariam na fluidez das tintas ou na dureza do mármore depois de homens grandes e grandes homens, a expressão de ternura das suas madonas imortais. Desde as Vir-

gens da Renascença suspensas entre novelos de nuvens, até ás mãis modernas de Carrière, como se sente a sinceridade do artista e a sua veneração pela mulher criadora!

VII

Que voz é esta que me está perguntando se todas as mãis pensam do mesmo modo? Seria isso possivel?...

Algumas não terão mais vaga idéia do que as incumbe a maternidade. Sei. As futeis recebem um filho nos braços como poucos anos antes teriam recebido uma boneca, sem maior preocupação que a da graça

do seu rostinho e a das roupas com que o haverá de envolver. As desgraçadas, essas cujos filhos não estão sob o influxo tranquilizador de uma paternidade, essas que afinal são tantas, recebem-n'o como um fardo, um estorvo para a acquisição do pão amargo, o escasso pão que o seu suor angaria com humilhações e duro esforço. Tudo se deve perdoar aos infelizes. A essas, se as tivessem antes, de algum modo, educado e esclarecido, nenhuma executaria jámais o gesto alucinado de abandonar seu filho, e ás criminosas, que ainda vão mais longe, só uma cousa as justifica: — a loucura. Esses casos são tanto mais absurdos quanto a mulher

começa a amar o filho mal o sente palpitar em seu seio!

Se o amor aumenta com a convivência dos filhos, ele já existia em germen inda antes da sua anunciação. O amor materno vive nas próprias virgens pela inconsciente aspiração de perpetuidade, em que toda a natureza se glorifica. Ha casos, porém, em que, por circumstâncias especialmente dolorosas, ou por enfermidade ou originalidade de temperamento, esse amor não desabrocha com a mesma antecipação, mas só depois do nascimento do filho, conforme o amor paterno, de muito mais lenta evolução porque talvez não seja formado pelo instinto, como o da mãi.

Ha nesse sentido uma página francesa de carinhosa observação: uma mulher pobre e abandonada vai, dias antes de dar á luz, confessar-se a um padre e pedir-lhe absolvição prévia para uma grave culpa que tinha em mente cometer. O sacerdote escuta-a comovido, tal a expressão de sinceridade e o desesperado estrangulamento daquela voz. O que ela premeditava era abandonar o filho mal o visse nascido. Estava sosinha na vida, era fraca, era miseravel, precizava dos braços livres para angariar o seu sustento. Que ventura poderia o filho encontrar no seu regaço magro e desagazalhado?

O Padre meditava. Percebeu que

seriam inúteis os conselhos de resignação e de coragem com que tentasse fortalecer aquele espirito desnorteado; mas apiedado, evangelisou sobre os deveres da maternidade. A penitente era uma obstinada. A desgraça tinha-lhe martelado tão duramente o coração que o tornára impenetravel e como inerte. De resto, ela já se confessára exausta para qualquer esforço.

Foi então, que iluminado por uma idéia, o sacerdote consentio:

— Sim, poderá engeitar o seu filho, mas com uma condição: a de lhe dar o seio antes de o pôr na roda. Venha depois á minha presença, só então lhe darei a absolvição em nome de Deus!

O que o arguto sacerdote imaginou, ou que sugestionou, foi o que sucedeu. A vista da criança, o calor do seu corpo palpitante, o contacto da sua boquinha ávida de vida, a sugar-lhe a carne triste, de desiludida, fizeram renascer no espírito abatido da mãi o milagre do amor e da esperança! A maternidade iluminou como uma aurora as trevas da sua consciência perturbada, e foi com o filho nos braços, já corajosos, que ela voltou a pedir ao mesmo confessor, que a absolvesse da abominavel idéia que lhe tinha passado pela cabeça, de abandonar aquele amor de menino, o seu filho, a sua melhor gloria de mulher!

O mesmo aconteceria a todas as desgraçadas a quem a miseria e o abandono arrastam a todos os desvaríos. Para essas, nós atiramos as pedras dos caminhos sem pensar na heroicidade que é necessária a uma mulher enganada e abandonada, para assumir sosinha a tremenda responsabilidade de criar, defender e educar um filho... um homem!

VIII

Por considerar que o idéal da raça consiste na sua robusteza, tanto fisica como intelectual, fala-nos Michelet de Magdalena Nizeli, mãi fecunda, de quem ainda hoje existe um retrato na capital da Suissa, em Museu ou casa oficial.

Filha de um fidalgo de Berna, essa forte criatura fazia um dia com as suas criadas barrelas na fonte quando por ela passou um joven pa-

trício que de subito parou a admira-la.

Filho de uma casa tambem nobre, mas inimigo da sua, hostilidade pelo menos tão profunda como a dos Montégus e Capuletos (do Romeu e Julieta), qualquer aproximação lhes pareceria absurda, se o rapaz não se tivesse apaixonado no primeiro instante. O desembaraço e o vigor com que a moça batia e torcia o linho caseiro, a carnação dura e rosada do seu corpo de deusa virginal, fizeram-no prever que dela se originariam homens fortes como ursos e sem mais demora correu ao palácio do inimigo a pedir-lhe a filha em casamento.

O amor, ou antes, o desejo de

selecção da raça, congraçou as familias desunidas.

Á sociedade moderna não basta esse idéal de robustez corpórea, que a literatura romantica estragou mas que recomeça a florescer agora por intromissão e uso de *sports*, ela exige tambem a robustez intelectual, a orientação que a leve para um futuro de paz e de tranquilidade. Para isso é principalmente precizo instruir a mulher sobre os seus deveres para com a criança. As mãis analfabetas, as mãis frivolas, todas as que não têm emfim a seu lado, na doçura do proprio lar, quem lhes diga numa vóz persuasiva os regulamentos a que devem sujeitar a sua vida desde o

momento da concepção até a hora dilacerante da maternidade, que admira que entreguem á simples mão do acaso a escultura viva do ser em que a palavra de Deus se perpetúa e vibra?! Crescei e multiplicai-vos. Mas para que as gerações se multipliquem em harmonia com a ordem divina deverão ser concebidas com amor e criadas com júbilo!

Para as mãis que não comprehendem que penhor sagrado é para elas um filho, é que a sciencia moderna escreve livros de eloquente singeleza e bem intencionada elucidação. Nenhuma bibliotheca de mulher deve sentir a falta dessas obras maternais, nunca suficientemente disseminadas

entre o povo. O homem é um animal de duas naturezas: uma feita pelo sangue, outra pelo habito. A mãi desprevenida póde com uma estragar a outra, se não tiver tacto natural para as associar convenientemente. Qual de nós, mãis que nada aprendemos, deixará de se sentir arguida pela própria consciencia ante qualquer erro dos filhos? Compreendemos então que para guïar bem precizariamos antes ter sido mais esclarecidas. Por isso, tudo que se possa fazer em beneficio da mãi, será feito em favor da humanidade. Ela é o cálice de sangue com que a natureza saúda o porvir do mundo.

IX

Desde Eva, que num estremecimento de maravilhosa surpreza olhou para o seu primeiro filho acabado de nascer sobre urzes bravas, até a mulher que ainda hoje em casas, palácios ou palhoças, dá com a mesma dor mais um homem ao mundo e mais uma alma á imortalidade, quantas têm morrido ou visto morrer os filhos recem-nascidos, por falta de carinho e de elucidação cuida-

dosa! As civilizações seculares têm tornado a vida humana por tal modo útil, e por tal modo frágil, que ela exige cada vez mais o amparo e a observação da sciencia. Foi para isso que os homens de coração e de patriotismo instituiram as casas de Maternidade, verdadeiros pórticos do futuro, em cujo cimo deveriam resplandecer, ao inverso das palavras de Dante na porta do Inferno:

Lasciate ogni speranza ó voi che' ntrate, estas outras de mais sublime significação: «*Trazei toda a esperança, ó vós que entrais!*» Na sociedade moderna, essa instituição desempenha dous papeis admiraveis: tratar ao mesmo tempo do físico e do mo-

ral das mãis. É uma enfermaria e uma escola, um albergue de caridade e um ino de patriotismo um conforto para o presente e uma promessa para o futuro!

Data de pouco tempo a fundação da primeira maternidade. Pouco tempo, porque um século ou dous são, em relação á historia do mundo, o mesmo, ou menos, do que uma ou duas horas são na historia de um dia. E só em 1794, por um decreto da Convenção, foi criada em Paris a primeira *Maternidade*.

Em épocas anteriores a sala a isso destinada na *Salpetriére* era abaixo do nível do chão, recebendo luz fraca por janelas rentes á agua do Sena.

O que seria essa enfermaria não é talvez facil de imaginar. Não se pensava então ainda em dar á mulher na hora da sua maior angústia e mais alta significação moral o conforto de uma assistência que lhe assegurasse, a ela e ao filho, de si nascido, condições especiais de segurança, de vida e de relativo bem estar.

Organizadas quasi sempre por particulares, de tal modo são essas casas indispensaveis ás classes pobres que deveriam fazer parte das obrigações de todos os governos para com os seus respectivos municípios.

Das suas práticas de higiene, dos habitos que aconselha, dos males sociais que transforma em fon-

tes de prosperidade, elas garantem a robustez da gente de amanhã e com isso a felicidade da patria que repousa principalmente na boa saude e no bom senso da sua população. De mãis depauperadas ou inconscientes não podem nascer filhos sãos nem cidadãos perfeitos, e quantas pessôas ha inteligentes, mas incapazes de qualquer esforço, e quantas aleijadas e imbecis só por não terem vindo ao mundo em condições favoraveis e não terem recebido cuidados equivalentes durante a primeira infância?

XI

Em todos os animais o instinto do amor materno produz heroismos, mas em nenhum ele se anuncia como na mulher com tanta antecedência.

Mal começa a falar, a abrir os olhos com inteligencia para a observação das coisas e já a menina acalenta nos braços a sua boneca, aconchegando-a ao peito, como para a aleitar.

Ás vezes, quando se é pobrezi-

nha, á falta de boneca, qualquer botija ou travesseirinho póde servir para as funções representativas de um bebê...

A realidade é nesse caso a ficção. Toda a beleza está na espiritualidade do amor.

Um velho médico clínico no interior do pais, ao passar um dia pela porta de um casebre vio, sentadinha á sua soleira, uma menina de uns tres ou quatro anos com uma criancinha ao colo.

«As mulheres do campo têm confianças singulares. Alguma delas certamente encarregara aquela pequenita de zelar pela irmã recem-nascida...» Como esta lhe parecesse mal

entrouxada, o médico aproximou-se para arranja-la melhor. Ao ve-lo perto, a menina cingio ao peito com mais força o seu tesouro, opondo-se a que ele lhe tocasse. Foi nesse esforço caritativo que o doutor reconheceu, no que julgava ser uma criança, uma pequena abóbora macilenta com feições humanas cortadas a canivete. E não rio, olhou ainda com mais ternura para aquela mãizinha de tres anos a quem a filha parecia, pelo menos tão linda, como á curuja da fábula os seus filhotes...

A prodigiosa imaginação infantil dava calor e vida á irrealidade de um ser tão prematuramente anunciado pelo seu instinto de futura mulher, de futura mãi!

Nos outros animais este instinto deixa de merecer a classificação de — amor — desde que as mãis vêem os filhos criados e independentes. As relações que passam a existir entre elas e as suas próprias criaturas são desde então como as dos individuos extranhos entre si, quer pelo sangue quer pela consciencia. No espaço livre ou nas furnas do deserto, a mãi ave, ou a mãi féra, não reconhecerá depois de algum tempo de separação em outra ave ou em outra féra, o filho pelo qual se sacrificou antes. Só para a mulher o filho é, desde a hora dos seus primeiros vagidos até ao do ultimo suspiro, motivo do mesmo cuidado e da mesma crescente preocupação.

Póde ele tornar-se grande, célebre, respeitado pelas multidões ou temido pelo mundo, ela sentirá sempre dentro do peito a necessidade de o proteger, de o defender, de olhar por ele com a mesma ternura do tempo em que pequenino ele se lhe pendurava das saias pedindo-lhe o agasalho do seio. Não ha filhos grandes, nem ha mãis pequeninas. O amor materno olha sempre de cima para os filhos, como o Sol para as arvores e para as pedras do Planeta.

Inspirado neste amor, que tudo perdôa, o poeta frances Jean Richepin escreveu um dia a célebre canção do bom rapaz que, por exigência da

amante, corre a buscar o coração da mãi para o seu cão:

Como corresse tropeçou,
Tiró lá li, tiró li lé,
Como corresse tropeçou,
E o coração no chão rolou.

E o coração quando rolava,
Tiró la li, tiró li lé,
E o coração quando rolava
Ouvira o filho que assim falava

E lhe dizia em pranto e dôr,
Tiró la li, tiró li lé,
E lhe dizia em pranto e dôr:
— Tu te magoaste meu amor? (1)

A arte faz perdoar a monstruosidade da concepção porque realça

(1) Traducção de Valentim Magalhães.

a verdade eterna de que um coração de mãi, mesmo maltratado pelo filho, ainda todo estremece e se comove á idéia do que ele possa sofrer... E nessa abnegação, nesse desprendimento de si propria está toda a eloquência, toda a suprema beleza da Maternidade!

XII

Se cada geração tem por dever preparar a outra geração sua sucessora, de nenhum modo prepararemos melhor a felicidade da que nos suceder, como educando-lhes as mãis, e esclarecendo nelas a razão do seu destino de criar homens sadíos e faze-los pela educação, nobres de caracter e bons de sentimento.

Em nenhum país como nos paízes novos, como o nosso, essa res-

ponsabilidade para com o futuro deve ser pesada com mão mais previdente nem mais cuidadosa. Os nossos instintos ainda não estão afinados pelo atavismo de educações seculares. Entre nós, os que não saíram de raças puras, transplantadas, têm nas veias de mistura com o sangue europeu o sangue ainda mal amaciado, das tribus indígenas ou africanas, o que torna mais complexo o nosso modo de ser e mais dificil o aperfeiçoamento do nosso meio social. Por isso mesmo e com maior entusiasmo a mulher deve concorrer para esse aperfeiçoamento, considerando o filho não como cousa sua ou um ser só dependente do seu amor

ou do seu capricho, mas como um indivíduo de que a natureza a fez depositária e que ela terá de entregar ao mundo tão digno e moralmente superior quanto lhe seja possivel...

SEGUNDA PARTE

«Não serão as espadas que hão de governar o mundo, mas o Pensamento» (1).

Ah! la guerre, elle en fait, du mal! Cest la mort de la culture... Oui, quand les garçons partent, les meilleurs bras s'en vont, on le voit bien à la besogne; et quand ils reviennent, dame! ils sont changés, ils n'ont plus le cœur à la charrue... Vaudrait mieux le cholera que la Guerre!

(La Terre).

EMILE ZOLA.

Au cours de ces dernières années on a pu voir surgir des cerveaux masculins de merveilleuses découvertes, découvertes detournées de leur portée humanitaire, il est vraie, mais qui n'en sont pas moins destinées a rendre au monde d'inappreciables services.

En faveur de cet elargissement de l'horizon, la femme a-t-elle fait preuve dune ingeniosité equivalente?

UNE SUISSESSE.

Ao engenho do homem, de maior alcance, póde a mulher opôr a força da sua tenacidade e a do seu sentimento. Nem só o talento é criador.

O génio do homem conseguirá

plantar novos ideais no cérebro humano, mas só na bondade criteriosa da mulher e na clarividencia do seu espirito bem convencido encontrará o mundo verdadeira base para a sua futura civilização. Ainda somos barbaros.

A política só póde seduzir as mulheres como um instrumento contra a guerra.

O direito dos homens não vai tão longe quanto eles pensam. As mulheres tambem têm o seu: o de defenderem o seu amor.

Se o sangue e o ódio são indispensaveis ao mundo, que lhe baste o que fazem verter os criminosos, cujas paixões explodem pela violência do seu temperamento doentio ou por desgraças imprevistas e fortuitas.

Mais do que nenhum outro homem, o que se dedica á carreira das armas tem de ser severo para comsigo mesmo e levar para a comunhão dos quarteis a inabalavel decisão do respeito á lei e do amor á ordem. A

sua responsabilidade para com a sociedade é tremenda.

Quando a Pátria entrega uma espada a um homem, não diz: isto é para matar; mas sim: isto é para defender.

Todas as forças impulsivas serão perigosas senão forem subordinadas á reflexão. Nenhum tesouro comparavel ao de uma boa mentalidade.

Os que apregoam o assassinato politico como um acto de libertação social, cometem ao mesmo tempo um crime de lesa humanidade e um erro de observação historica. Nunca um facto de tal ordem conseguiu mais do que fortificar nos outros pela comiseração e o respeito que a morte inspira, as tendencias que esse mesmo acto procurou, ou simulou combater, suprimindo a vida de um homem.

Quando se atira uma pedra a um lago ergue-se dele uma coluna dagua tanto mais alta, quanto com mais força ela tenha sido arrojada. E então quando essa agua tenha a côr do sangue, suja sempre, indelevelmente os interessados que, de longe ou de perto, para observarem o baque, lhe recebam os salpicos...

A guerra é cada vez mais uma questão de interesse. Dinheiro e nada mais. Ambição e cobiça, que a murros e a ponta-pés, atiram para a morte gente que neste mundo não

desejava outra cousa senão: — viver! viver!

———

Quantos homens sacrificados pela ganancia insaciavel do ouro...que terá de cair nas algibeiras alheias!

———

Quando nos sacrificamos pelo nosso ideal, vá! mas pelo o dos outros!?... E proclamarmos nós a independencia do espirito e da vontade do homem!... Decididamente o Egoismo, ainda é o pastor que dirige os rebanhos.

—

Sempre que me comunicam o nascimento de um menino encho-me de piedade pelo seu futuro, na suposição de que lá o espera, numa esquina da Adolescencia, o fantasma execravel da guerra.

—

Se queres ser forte, sê paciente; se queres ser justo, sê piedoso. A cólera é uma fraqueza: alucina; e a piedade dá aso á reflexão. Disciplina o teu sentimento. Guerra nobre é só a que travamos contra os nossos

erros e as nossas proprias fraquezas.

Não confundamos disciplina com severidade. A boa mãi disciplina os filhos pequenos entre sorrisos. Disciplinar é fazer criar habitos, dessa atilada educação exercida desde o berço, o homem leva depois para o tumulo da vida a correcção de actos que o revestem de uma armadura natural, e que é a melhor defesa, para muitos perigos eventuais...

Todas as questões podem ser dirimidas sem o auxilio das armas. Fa-

çam as leis novas, em que a Palavra tenha soberania.

Andamos nós tontas a perguntar umas ás outras: qual a maneira de acabar com a guerra? E nenhuma voz responde á nossa aflição.

Mas não nos cansemos de interrogar procurando ao mesmo tempo educar o povo, tornando-o trabalhador, ordeiro, lúcido, amante da verdade e da justiça e tão consciente do seu valor quanto respeitador do valor e da felicidade alheia. E quando tudo isso fôr conseguido... Quem sabe?...

Não digais nunca aos vossos filhos que a humanidade é má. Fazei-lhes antes decorar os nomes dos grandes bemfeitores, de todos os que arriscam a própria vida pelo bem dos outros!

A MULHER E A GUERRA

I

A grande guerra europeia, que ha tanto tempo terminada ainda tão singularmente convulsiona o mundo, teria feito ruir pela base toda a civilização se não fôra o modo por que nela interveio a mulher, embora essa intervenção tivesse sido apenas um balbúcio, um leve estremecimento de consciencia que desperta mas

ainda não se sente perfeitamente lúcida. Agora que ela vio com os seus olhos as scenas trágicas dos hospitais de sangue e respirou os miasmas fétidos das immundices das trincheiras, melhor póde compreender que o seu papel de ente humano não se póde limitar á consolação de tais desatinos mas ao esforço de as combater para que se não tornem a praticar...

No desespero em que a vida social se desarticulou e extrebuxou desde os primeiros dias da ingente luta, foi ainda assim na mulher que se sentio evolução espiritual, só ela ascendeu para um ideal, só ela, pela sua acção eficiente, a sua bondade

energica e bem orientada, realizou alguma coisa do muito que sonhou o século XIX para o aperfeiçoamento moral da humanidade e que este ha de continuar a sonhar com fé mais viva, quando acalmado desta crise de loucura que o está sacudindo. Oh, é preciso não perder a esperança...

*
* *

Em quasi nada póde residir a salvação do mundo, basta um pensamento. Pasteur, o santo da humanidade nova, no formidavel esforço de tornar a vida do homem melhor e mais larga, consumio a sua existência num labor profundo, único,

até que a sua ideia, realizada se irradiou, revestindo-o de glória. Um defensor é um criador, porque da vida que ele protege ou preserva se desdobram outras vidas ás vezes mais perfeitas. Porque não ha de agora, sob o mesmo influxo que iluminou o sábio, trabalhar alguem para imunizar o homem de um mal pior, que mata mais que a hidrofobia e que as epidemias, o furor belicoso?

Como, para um tal combate é precizo mais coração do que cérebro, mais tenacidade do que violência, mais doçura do que valor scientifico, quem poderá ser esse alguem?

Para que responder, se já o adivinhastes?

A ENFERMEIRA

Se um povo culto retrogradou até ás éras das barbaras chacinas tumultúarias, propagando a outros povos a sua raiva incontida até se confundirem na mesma luta de águias e de toupeiras, ora a se fulminarem entre as núvens, ora a se esmagarem na lama das trincheiras, se a guerra dos homens emfim, não perdeu, no seu conjunto a expressão de

feroz animalidade, a mulher, ao menos, mudou.

Mudou; tornou-se mais consciente, mais arguta e sobretudo mais altruista. Ela já não lembra certas donas históricas de aspecto formidando, que armavam os filhos e lhes apontavam o caminho da guerra com dedos hirtos, muito mais viris que maternais; nem tampouco outras, que ao verem os maridos partir a terçar armas com o inimigo, se quedavam encolhidas em frente ao oratório, inertes como trapos, ou se descabelavam aos uivos pelos corredores dos seus castelos fechados a dupla volta de chave. Em face das grandes calamidades a mulher moderna, não es-

gota em esgares nem em soluços as suas energias, procura antes convertê-las em força de ânimo e em arrimo para aquele a quem a guerra mais sacrifica: — o homem. Acordando do letargo em que ha tantos séculos tem vivido imersa, ela começa a perceber o valor da sua utilidade. Foi graças a essa compreensão, que o desencadear desta tempestade de fogo e de lama veio encontra-la de pé.

Não sou eu quem o inventa, disseram-n'o os jornais de todo o mundo; proclamou-o a nobre França, patria do exemplo instructivo, ao afirmar que no dia da catastrophe, quando muita cousa de essencial se observou faltar nos seus quarteis e arse-

nais militares, na Cruz Vermelha, dirigida por Senhoras, nada faltava, tudo estava previsto, de tudo havia em quantidade, tudo estava em ordem. Assim, mal soou o toque de reunir, apareceu logo aparelhado e sereno o batalhão branco das enfermeiras, já habilitadas por um curso severissimo ás disciplinas da profissão, já fortalecidas pela educação da vontade, e preparadas, portanto, para as terriveis eventualidades que o seu fino instinto lhes insinuara ao coração presago. Sabendo dominar o fluxo das lágrimas pelo sentimento do dever, dever para comsigo mesma, para com a pátria, e, sobretudo, para com o soldado, a mulher pôde servir

de apoio, de sugestão, de consolo e de bondade, na hora exacta em que tudo isso mais preciso se tornou no mundo!

Quando as gerações futuras voltarem os olhos para os quadros tumultuosos desta guerra, será nessas aves da tempestade, de faces palidas e brancos véos esvoaçantes, que encontrará uma superior expressão de beleza.

*

* *

Não foi, acreditai, pela variedade do traje nem a fantasia de uns dias de ventura, como a malicia de al-

guns insinuou, que a mulher se decidio a trabalhar nos hospitais de sangue e a exercer neles até os mais duros e abjectos misteres.

Se é apanágio seu o saber sofrer, tambem o é o saber suavisar, e estes dons naturais que ela agora aplicou tão superiormente, bastam para demonstrar aos incrédulos, que a independencia de acção que ela, a bem dizer instintivamente tem procurado, em nada lhe desvirtuou o sentimento nem tampouco a graça, de que ela foi em todos os tempos, e em todos os tempos será, a emanação perturbadora e inspiradora...

O feroz individualismo do homem não lhe consentio acompanhar

com justiça através das lutas seculares esse desdobramento da alma feminina, em que ela tem adquirido capacidades novas sem perder as virtudes antigas. Por isso ele a contempla agora com certa surpreza.

Outr'ora, nas ambulâncias e nos hospitaes de sangue, a figura feminina era apenas entrevista em pensamento pelos feridos e os moribundos. Eles debatiam-se apavorados pelas visões terríficas das batalhas, a que a nossa imaginação, cá de longe, empresta grandezas de epopeia, mas de que eles, desiludidos, sentiram a realidade pungitiva: a confusão; a ferocidade; o medo; a imundicie; o *spleen*... sem que para ate-

nuar tal desconforto um terno coração se inclinasse sobre o seu soffrimento...

Uma ou outra mulher que por vezes surgia entre a soldadesca era quasi sempre uma filha do povo, de gesto brusco, palavra rude, mixto de militar e de mulher: de farda e de saias, e que, para animar os que tremiam, matava-lhes a sêde a água ardente e os seguia mais como um camarada, do que como uma irmã. Não seria menos generoso o seu papel, porque a vivandeira expunha a vida pelo seu batalhão; não seria menos generoso, mas era outra cousa, cuja significação aventurosa se assemelhava á de um verdadeiro companheiro de armas.

As fervorosas Irmãs de Caridade que vieram depois, com os olhos fitos na sua Cruz e na sua Fé, eram menos femininas do que interpretes de idéias a que se associam as da Morte. Elas sabem fazer rezar, mas não sabem fazer sorrir nem transmitir aos feridos a ilusão da *Ausente,* daquela em que eles pensam sempre, sempre...

E a ilusão é como o pão, alimenta. É o pão da alma, imaterial e divino, que se transfunde em resistência e em esperança...

Sentindo brandos dedos amoraveis cortar-lhes o cabelo, em que a vermina pulula, ou descalçar-lhes os pés inchados e que de ha muito não

sentiam o refrigério da água; ouvindo doces vozes lerem, o que os seus olhos cegados pelos estilhaços dos obuzes já não podem lêr; vendo frageis braços femininos suportarem sem vergar, o peso do seu corpo mutilado, os infelizes teriam, como em uma doce sensação do amor e da familia percebido quanto antes erravam, quando emprestavam á mulher moderna só um caracter vaidoso e frívolo. Bem no íntimo, cada um deles poderia concluir:

«Elas são mais fortes e melhores do que eu pensava...»

A MULHER DIRIGENTE

Mas nesta guerra a mulher não foi só a enfermeira sem sono e sem cansaço, procurando adoçar pela magia dos seus cuidados o mal produzido por uma causa injusta; não foi só a grande vítima, lezada no que tinha de mais querido no seu coração, foi tambem iniciadora e organizadora de associações múltiplas e variadas, que ela não soube só criar, mas administrar com proficiência e

vantagem. Como jornalista, nem mesmo nos dias de maior terror a pena lhe desfaleceu entre os dedos nervosos.

Ninguem trabalhou mais, ninguem escreveu melhor durante todo o periodo da guerra, do que essa admiravel parisiense chamada Yvonne Sarcey, que, a par e passo que iluminava o seu jornal com páginas sugestivas e patrióticas, transformava as salas da sua redacção em enfermarias e fundava as já célebres *Maisons Claires*, asilos hospitalares para os filhos doentes dos soldados pobres. Assim, ao relampaguear dos obuzes, a bondade, que é a maior força da mulher e a sua expressão

mais peregrina, toda se desabrolhou e rescendeu como um jardim na tempestade.

A «União das Mulheres de França» fez milagres: fundou a Associação de Socorros Nacionais que distribuia vestimentas, sopas, leite, mesadas, e arranjava trabalho para as que lh'o pediam. Ocupava ela mesma innúmeros operários; espalhava dinheiro pelos soldados; fundou cantinas e refúgios; acudio a Franceses e a legionários; distribuio livros e revistas pelas trincheiras e organizou espectaculos para distracção dos combatentes que, fartos de guerra, ouviam como dons do céo os enredos de amor...

Esse clamor piedoso não era só da francesa. Em Londres, como em Paris, surgiram em todos os bairros, como por encanto, casas montadas e servidas por damas da sociedade em benefício dos artilheiros surdos, dos cégos, dos orfãos, das viuvas dos soldados mortos na guerra. Nessa faina de socorrer, proteger, compensar, auxiliar, as senhoras transformavam palácios em hospitais, castelos em oficinas e jardins em crêches.

Descerrando os olhos, abrasados pelo fogo das batalhas, o soldado sorria muita vez ao ver sobre a sua cabeça, decorando tectos sumptuosos, rondas de sílfides delicadas, ou querubins de carnação rosea. E não

sei em que enternecedoras cousas deveriam pensar nos parques de luxo as estátuas das deusas, se ás suas pupilas de pedra fosse dada a ventura de contemplar as criancinhas protegidas...

A MULHER DIRIGIDA

No silêncio concentrado em que se pesam as grandes resoluções, a mulher decidio representar por todos os modos o seu papel de utilidade na hora da guerra e fez-se: artífice, farmaceutica, médica, enfermeira, dactilógrafa, estenografa, electricista, expedicionaria, factureira, droguista, servindo do mesmo modo á sciencia, á industria e ao comercio.

E não se atreveu só a exercer

oficios mais ou menos resguardados pela sombra das telhas, fez-se tambem maquinista, estafeta, vendedora ambulante, cocheira, recebedora nos trens, e muitos outros misteres que a sua inteligencia ou a sua força fisica lhe permitiam praticar.

Muitas que desconheciam ainda as suas próprias aptidões, porque nenhum acidente da vida as tinha posto em evidência, tiveram com a guerra a revelação da sua capacidade. Chamadas pela urgência do momento a substituirem os homens em trabalhos até então alheios á sua interferência, acudiram sem hesitação ás determinações que lhes eram impostas.

Nem só a necessidade de mante-

rem o lar, sem chefe; nem só o sentimento egoistico de preencherem o lugar do marido ausente para o conservarem até á sua problemática volta, as decidiram a aceitar encargos para que não estavam preparadas. Outra razão as impelio: a de consagrarem o seu esforço á pátria e aos que pela pátria morriam, mas consagrarem-no sem retórica, nem scenas sentimentais, só com um trabalho nunca esmorecido. Bem atilados andaram os povos beligerantes procurando utilizar-se a tempo da inteligencia feminina, até então ignorada... Essa improvisada organização representou para a vida das nações o mesmo que o carvão aceso nas locomo-

tivas. Foi a utilitária Inglaterra quem primeiro se lembrou de aproveitar essa colaboração que já em tempos de paz lhe tinha sido em vão oferecida pelas sufragistas, o que vem confirmar a opinião de que as mulheres só são tomadas verdadeiramente a sério pelos homens, quando lhes são precizas. Entretanto, cosendo em sua casa ou varrendo as sargetas das ruas, tecendo nas fabricas ou semeando nos campos, bordando á luz da sua lâmpada caseira ou alinhando cifras num escritório bancário, a mulher, ninguem o ignora, procurou sempre cumprir conscienciosamente as suas atribuições, não só pelo seu capricho como porque sabe que desconfiam dela...

No posto de silêncio em que até hoje permaneceu ela tem notado o movimento de tudo, que o Tempo, esse mestre supremo e decifrador de segredos, vai arrastando após si... Tivesse ela permanecido na imobilidade apática de outros dias e nem a França, nem sobretudo a Inglaterra, poderiam ter resistido ao embate que sofreram; porque não ha guerra sem munições. E quem fez as munições?

Foram as mulheres.

*

* *

Foram as mulheres...

É pungitivo lembrarmo-nos que

os seus dedos macios, nascidos para outros destinos suaves e embaladores, se tivessem ocupado nesse horrendo mister de fabricar balas mortíferas. Nos seus despropositos a guerra cometeu ainda mais este crime: o de conseguir que até mesmo mulheres se sujeitassem ao tremendo papel de operarias da Morte!

Com o proposito de estudar numa resposta o espirito feminino, um reporter perguntou um dia a uma dessas artífices se ela não se sentia cúmplice nos assassinatos que os seus explosivos estavam destinados a commeter. A moça respondeu logo, com manifesta extranheza que não déra nunca ás munições que fabricava ou-

tra atribuição que não fosse a da defeza da sua terra e dos seus irmãos.

Esta reesposta sintetiza maravilhosamente bem todo o pensamento da mulher sobre a guerra. Nenhuma admite, nem pelo raciocinio, nem pelos simples impulsos do sentimento, a idéia das ofensivas.

Matar? Só em legitima defesa e em desespero de causa. Um homem, mesmo de espirito, mesmo artista, como Leonardo da Vinci, cuja sensibilidade ficou tão delicadamente perpetuada nesse delicioso sorriso da Gioconda — póde conceber planos de monstruoso malefício, como o do «Tank», de que ele foi o primeiro a esboçar a fórma grotesca e a acção

brutal. São as anomalias de um génio de antiteses: criar um sorriso enigmático, de beleza eterna, e uma maquina pesadona de esfacelar carne humana! Uma mulher, mesmo a mais imaginosa, mesmo a mais engenhosa, jámais acolheria idéias de destruição. Na pequenez do seu cérebro e estreiteza da sua visão, ela tem uma concepção mais larga dos destinos da humanidade...

Batalhar, para que? Para as conquistas territoriais? Os países maiores nem sempre são os mais felizes.

Para alcançar a glória de uma opinião? Não ha glórias eternas; tudo é efêmero no mundo. Com o correr dos dias, mesmo cidades de pe-

dra e ferro desaparecem da superficie do globo; os povos mudam, a lingua altera-se, até os climas se transformam... Guerra, só a das idéias, não feita com o ferro e o sangue, mas com o pensamento e a palavra.

Ha preconceitos inabalaveis aos embates da razão como certos rochedos aos embates do mar. Rebelarmo-nos contra eles é o mesmo que procurarmos interceptar com os braços abertos a passagem de um comboio, e este, que vem de não sei onde, e vai para toda a parte, carrega dentro de si tanta agonia que não será máo que lhe ponhamos ao menos algumas pedrinhas nos trilhos a vêr se descarrila...

*

* *

Em absoluto a guerra é um producto da barbaria, e, convencionalmente, o resultado de um preconceito que ensina que a honra das nações só se póde lavar com o sangue. Ha outras maneiras de fazer resplandecer a verdade e a justiça e miseravel papel faria a diplomacia se os não conhecesse. A maior indignidade da guerra está, principalmente, em que, quem em duas penadas a decreta, não a faz, mandando para o matadouro os que só almejam uma cousa: viver e trabalhar em paz e que muitas

vezes pelas suas idéias políticas ou crenças religiosas são infensos á luta armada.

*

* *

Um, ou dous anos antes de acabada a guerra, a Inglaterra publicou uma estatistica do trabalho feminino que dizia existirem então um milhão quatrocentas e oitenta mulheres exercendo misteres que até essa data só tinham sido desempenhados por homens.

Assim como na Grã-Bretanha, havia em França toda uma população de mulheres empenhadas num só es-

forço: o serem úteis á sua gente e ao seu país. Fecharam-se os pianos, para se dedilhar em maquinas de escrever; guardaram-se rendas e sedas para se envergarem os linhos brancos da Cruz Vermelha. Nos campos arados, as charruas eram conduzidas por mãos femininas. Os berços saíram dos cantos das alcovas para o ar livre das eiras, onde os bêbês choramingavam ou dormiam emquanto as mãis se agitavam labutando ao sol.

Não havia vagares para embalamentos nem para os doces extases maternais, porque era absolutamente preciso fazer produzir a terra, tirar-lhe do seio duro o pão para o povo:

Em todas as profissões, que foram multiplas, e algumas contraditórias entre si, a que a mulher se consagrou, fe-lo de modo perfeito. Ficou assim provado que ela não é só inteligente por excepção.

A guerra prestou-lhe ao menos esse serviço...

Tudo acabou; póde falar-se livremente. Chegou o momento das mãis entrelaçarem os seus corações numa cadeia bastante viva e nervosa com que procurem estrangular o fantasma negro que lhe rouba os filhos.

O mundo muda; outra socieda-

de desponta e ninguem poderá dizer, desde já, que papel representará nela a mulher.

Seja qual for, que lhe não falte nunca o sentimento de Bondade activa e lúcida, capaz de, pelo seu influxo, realizar essa cousa em que ainda devemos crêr, apezar do grande baque que sofreu agora: o ideal da Fraternidade Humana...

O pano de scena fechou-se sobre o primeiro acto, mas o drama tem muito enredo e muitas consequências para poder ser curto. Oh! ele durará, durará...

PERFIS FEMININOS

No negregado pórtico desta guerra, eternizar-se-ha o vulto de uma mulher, como uma figura de anjo enluarado. Da candidez dos seus véus se irradia uma claridade de redenção; da onda azul do seu olhar profundo, uma clemência infinita. Abriram-lhe rosas de sangue na alvura da carne sem com isso obscurecerem a sua fronte christã nem lhe

apagarem dos lábios finos a palavra da verdade que neles resplandecia.

Por que foi fuzilada miss Cavel?

Por ter sido piedosa e por não ter mentido.

Dera escapúla a prisioneiros belgas ameaçados, encaminhando-os para um país neutro e não negara o facto quando lh'o perguntaram. Não tinha medo nem tinha remorsos. Que fizessem o que julgassem e entendessem do seu dever. Ela cumprira o seu. Só tinha praticado o bem. As suas mãos finas e diligentes haviam pensado sempre com igual solicitude ferimentos de amigos e de inimigos, procurando suavisa-los com o bálsamo da sua enternecedora paciência.

A quem tem uma consciência assim, a morte não intimida.

Edith Cavel fica na história funesta destes dias trágicos, como o simbolo da compaixão e da veracidade. Ela representa a Vida diante da Destruição; a Sinceridade em face do Embuste; o Amor em frente do Odio.

*
* *

Por um movimento de generosidade semelhante, ia todos os dias, toc, toc, toc, uma mãizinha de aldeia percorrer no seu burrinho não sei quantos quilómetros para levar aos pobres soldados esfalfados e se-

dentos água de uma nascente cristalina e mel fabricado pelas abelhas da sua horta. Nada mais simpatico nem enternecedor do que o sacrifício dessa velhinha de oitenta anos cavalgando por entre sebes erriçadas de armas inimigas, grandes extensões, só para ir amenizar os lábios seccos dos soldados com uma gotinha de água fresca. Onde iria a sua velhice encontrar tamanha energia senão na Bondade, suprema força da vida?

*
* *

Quantas figuras femininas perpassaram por entre as linhas fúne-

bres deste capítulo da história! nem sabemos agora, nem talvez o saberemos nunca... Só a Russia trouxe para ele um contingente trágico. De resto a Russia sempre foi um país de tragédias onde as mulheres têm sabido ser grandes patriotas, grandes revolucionárias, grandes idealistas, grandes sofredoras e as melhores civilizadoras da sua raça.

Na história da Russia dos Cezares está ainda para ser revelada ao mundo a parte tomada pelas mulheres em prol dos oprimidos. Filhas, algumas, de familias ricas, faziam-se médicas ou professoras para irem propagar idéias e iluminar os pobres *mujiks* embrutecidos e explorados.

De noite ou de dia, ao vento, á neve, ao Sol, sem conforto, sem companheiros, sem glorias, elas caminhavam por estradas cansativas apoiadas apenas ao bordão da sua caridade. Essas, melhor do que as outras, que mais tarde se fardaram como soldados para combaterem como tais, souberam servir e sacrificar-se por um idéal!

Foi para fazer fundo a essas feições de santidade que se inventaram no passado as tintas de ouro das Iluminuras classicas, em que a história desta guerra deveria fixar tambem a figura esguia, delicada e loura de uma rainha. A Rainha da Bélgica. Ela irrompeu desse charco de san-

gue e de lama, como um lirio de um paúl, toda aureolada pelo duplo martirio de vêr o seu Reino e o seu povo ofendidos, e ofendidos pela sua pátria de nascença. A maior dôr deste cataclismo coube dentro do coração de uma mulher. E é tão evidente o seu desgosto e tão sublime a sua coragem, que ela já aparece á imaginação popular como uma imagem de santa medieval, capaz de transformar em rosas o azinhavre das próprias decepções.

*
* *

Nunca houve guerra por que a mulher se interessasse tanto. No

mundo galante dos salões a fantasia do luxo desaparece como a cinza ao vento. O desejo de proteger os que sofrem e de levar-lhes um éco de solidariedade cria a invenção carinhosa da afilhadagem. Todas as senhoras e todas as meninas querem ter um afilhado, entre os soldados do «Front», a quem escrevem, a quem mandam cousas e a quem querem bem. Para os socorrer multiplicam-se benefícios e vendas de caridade. A Princesa Victoria da Inglaterra escreve a todas as grandes damas dos países aliados pedindo a cada uma, uma simples pérola dos seus adereços para com elas fazer o maior colar do mundo, destinado a adornar

o pescoço de alguma milionária americana ou turbante de algum rajah das Indias fantasistas...

Infinitamente mais preciosa do que o fio de pérolas da Princeza é a força de ânimo dessa modesta religiosa que nos está a sorrir da porta do seu convento.

Quem é? Uma filha de S. Vicente de Paula, ainda moça, se bem que Superiora num asilo de velhinhos pobres.

A IRMÃ GABRIELA

Tendo as tropas francesas de abandonar a cidade de Thermont d'-Argonnes sob pressão do inimigo, foram avisar a Superiora de um asilo de velhos da localidade a que fugisse emquanto era tempo.

As ruas estavam desertas, a população tinha partido, espavorida.

Em resposta perguntou a freira se seria possivel fazer sair tambem os seus asilados. Infelizmente isso

não fôra previsto e assim a Superiora, sem nenhum alvoroço afirmou que, nesse caso, ficaria no seu posto ao lado dos velhinhos.

A pouco e pouco fez-se silêncio em torno. Dir-se-hia ter morrido o mundo.

Passando entre os dedos trémulos as contas do seu rosário, saío a Irmã Gabriela a dar uma volta pelas ruas a ver se teria ficado na cidade algum velhinho trôpego e abandonado.

Não encontrou nenhum velho, mas um moço soldado, pálido, exânime, caído nas pedras de uma calçada. Curvando-se para ele a Superiora procurou reanima-lo, dizendo-lhe que

se esforçasse por caminhar e seguir os seus camaradas. Era urgente. O inimigo não tardaria a chegar e o matariam, por certo! Mas o pobre estava esgotado e respondeu num soluço:

— Pois que me matem, eu não posso mais!

Comovida, a Irmã Gabriela, arrastou-o como pôde até ao seu asilo. Mas, onde esconde-lo lá dentro? O seu lindo rosto de adolescente não lhe permitiria po-lo entre os velhos.

Que fazer, Santo Deus?!

Iluminou-a de repente uma lembrança. Acomodou o doente em um quarto em cuja porta pôz um letreiro

com estas palávras em letras garrafais:

Moléstia contagiosa

Que o Senhor lhe perdoasse a mentira!

Eis que explodem os primeiros obuzes. Os velhos tremem de medo. Acostumaram-se muito á vida, para quererem morrer. Para acudir-lhes a Irmã desce-os ao subterrâneo e instala-os como póde sobre colchões. Já quasi não póde comsigo de cansaço, entretanto, não pára, anima a todos com a sua presença e o seu conselho. «Coragem, coragem». Ás cinco horas da manhã ouve os passos dos

soldados que entram no convento. Como a Irmã Gabriela não sabe patavina de alemão, lembrou-se de escrever com a sua letra a mais pacientemente bem traçada e legivel mais ou menos isto:

«Senhores, eu e minhas irmãs ficamos de guarda aos nossos velhinhos doentes pelos quais somos responsaveis. Como ordenam as leis da guerra e os preceitos da minha religião, tratarei dos vossos feridos com absoluta dedicação. Poupai, tambem vós o meu convento. Confio na vossa dignidade de soldados».

Era mais que tempo. Violentas pancadas abalam a porta, que céde e a Irmã se encontra em face de tres

officiais que apontam para ela os seus revólveres. Sem perder a calma, ela levanta para o do centro o seu escrito, que ele lê com atenção atravéz do cristal do monóculo, emquanto os outros continuam na mesma atitude agressiva.

— O Prefeito? perguntou o oficial.

— Partiu.

— O capelão?

— Partiu.

— Todo o mundo partiu! A sua casa será respeitada porque a senhora ficou e não teve medo.

— Preciso, replicou a religiosa, que me dê tambem a sua palávra de honra de que respeitará a cidade. Ao

que ele acedeu, pedindo-lhe, ao mesmo tempo, para ver a casa. Não teria ela escondido algum soldado francês?

Respondeu-lhe a Irmã que sim; tinha ali um moço soldado; e, para que o vissem conduzio os tres oficiais ao quarto em cuja porta colocara o letreiro com as palavras: *molestia contagiosa.*

Os militares, entreolharam-se e não insistiram, e, entretanto, ela foi explicando sem terror aparente que se tratava de um tifo, «oh, um caso muito grave»..

Como chegassem alguns inimigos feridos correu a instala-los nas salas livres.

Parecia tudo remediado, quando subitamente irrompe o fogo na cidade. E o fogo alastra-se, e já rodeia o convento de chamas altas. O calor é de tal modo intenso que os vidros das janelas estalam. Os velhos erguem para o céo as mãos mirradas e tremulas.

Desesperada a Irmã Gabriela toda a tremer de indignação, sob a doce brancura de sua touca de São Vicente de Paula, corre ao comandante e exclama:

— Senhor! a palavra de honra de um oficial é sagrada. Que valerá a sua?

Impressionado com aquela atitude corajosa, o comandante dá or-

dens para que os sapadores isolem o convento do fogo que o rodeia. E assim a Irmã Gabriela, sem alarde, só pela sua dedicação e a sua coragem, salvou da morte os seus velhinhos, a sua casa, e um soldado da França...

*

* *

Em todas as esferas sociais a mulher interveio como pôde na luta imensa, reagio contra o abatimento e ofereceu o seu coração á patria e a Deus. E ninguem foi tão sublime

no sacrifício, porque a mulher detesta a guerra, detesta-a com toda a energia, com toda a veemencia, com todas as celulas do seu ser!

COMO ENCARA A MULHER A IDÉIA DA GUERRA

A mulher não crê nas vantagens apregoadas pelos adeptos da guerra de que ela seja *um mal necessario,* que apurá energias e dá ás nações que a praticam elementos novos de vitalidade e de progresso. Para a mulher, a guerra é sempre sinónimo de desastre, é a negação de tudo que ella sonhou, desde que lhe acendeu

no cerebro a luz da consciência, de tudo quanto ela desejou e criou... A seu vêr a guerra representa só o instinto animal grosseiro e impetuoso; a mesma força que faz estraçalharem-se entre si os animais inferiores, mesmo os mais insignificantes. Por isso ela pergunta com tristeza e espanto: — De que servirá então ao homem o raciocinio?! Se ele se deixa vencer pelos mesmos impetos dos bichos selvagens, onde o poder superior e preclaro da sua Razão?

Ele sabe que desde o seu primeiro vagido até á sua ultima lágrima, faz parte de uma guerra ferocissima e perene, em que mesmo os elementos mais imponderaveis, como

o ar e o perfume, têm infinitas legiões de inimigos que o atacam e que se devoram entre si.

A vida não é outra cousa senão uma guerra incessante em que a destruição de uns aproveita á nutrição de outros. Mas o homem que mata o homem, a que principio ou a que leis da criação universal obedece?

A nenhuma. Ele só mata por vaidade, por egoismo, por inveja; nem a vaidade, nem o egoismo, nem a inveja merecem um alimento tão nobre!

——

A mulher não compreende de um modo absolutamente perfeito a

conhecida formula: — Queres a paz? Prepara-te para a guerra.

E não a compreende, porque no seu modo de pensar toda a criatura que se destina a alguma cousa sentirá forçosamente necessidade de a cumprir. «Quem traz uma arma constantemente comsigo, disse Maurice Daunay, acabará por querer fazer uso dela». E que o não faça. O desejo sopitado de um exercito de homens preparados para uma acção violenta, e constrangidos a modorrarem em calmaria, tem tambem uma influência que, por invisivel, não deixa de ser poderosa: a influência do pensamento, a influência telepática da vontade, silenciosa, persistente, hu-

mana e cuja vibração tem o poder de abalar até as nuvens, quanto mais a outros seres da mesma espécie. Emquanto houver quarteis haverá guerras.

A' mulher não crê que, voltando da guerra mutilado, surdo ou cego, inutilizado emfim, para o resto de toda a sua vida, o homem pense ainda na vantagem de se dirimirem pelas armas em massas colectivas as questões internacionais... Ele viu a Morte muito de perto para não compreender o que a Vida exige de cada ser.

E essa convicção crescerá á proporção que os dias forem passando, logo que o sino de rebate, que reu-

niu a todos na hora da refrega, deixe de badalar por ter cessado a tempestade.

Será chegada então a hora do aleijado sentir o seu isolamento ..

A mulher não crê que um povo, que tenha o sentimento da dignidade e da honra, precise, para poder cumprir o seu dever na hora do perigo, de se sujeitar á obrigatoriedade de uma disciplina que lhe tolhe a liberdade individual.

Nesta guerra teria sido menos consciente e menos admiravel o Exer-

cito da Inglaterra do que os dos demais paises?

A mulher não crê na afirmação de que, sempre após uma guerra a nação que nela se tenha empenhado apresente fenomenos novos de força e de vitalidade. No seu pensamento, essa é uma ilusão que se confunde com a da convalescença de um individuo escapo de uma doença em que encarou a Morte de face. É facil confundir-se então o bem estar da volta á saude, com uma energia nunca antes experimentada... A verdade é que toda a doença, seja ela qual fôr,

deixa depressões no organismo de quem a sofreu... A sensação de maior robustez não passa nesse caso de uma ilusão...

A mulher não compreende que homens, investidos das mais altas e mais graves responsabilidades, consintam na trama, e teçam eles proprios rêdes de intrigas e de desavenças capazes de arrastarem á guerra outros homens, pacificos, trabalhadores, necessitados de ordem, e de sossego, tanto da sua, como de alheias terras.

A mulher não compreende que ainda haja neste tempo povos capazes de invadirem de surpresa paises de outras gentes, só pelo ambicioso

desejo de riquezas, levando tudo diante de si a ferro e fogo; agora o o que ela compreende é que sendo a sua terra materialmente invadida, o seu lar e a vida dos seus ameaçados, todo um povo se erga a retribuir os golpes com que é ferido. É a defesa sagrada da sua carne e do seu amor. Eu compreendo Joanna d'Arc, revoltada contra o extrangeiro que espesinha a sua terra e a sua gente, alucinada pelas suas visões, a expôr os seios virgens ás lançadas do inimigo em combates sangrentos e desesperados. Eu moça, eu forte, eu livre, vendo o meu pais invadido, o sangue dos meus jorrando em ondas, saíria tambem portas a fóra gritando a ple-

nos pulmões contra os barbaros. É humano. Mas o que ela pensa é que é exactamente preciso coibir uma vez por todas a possibilidade de ofensivas, sobretudo das ofensivas imprevistas e que arrastam ás grandes lutas sanguinolentas. A diplomacia deve ser exercida por pessoas de alto criterio politico e grande equilibrio moral. Não serão as espadas que hão de governar o mundo, mas o Pensamento.

Até hoje a mulher tem imaginado no homem o magno poder da vida. Se tem ouvido dizer que o valor das nações está na competencia dos seus filhos, seu engenho, sua moral, sua intelectualidade, excluiu-se sempre

desse numero, menos por modestia do que pelo habito tradicional de não ser contada como valor. Para ela só o homem representa o povo.

Mas estão se acendendo as luzes no altar do seu espirito e já começa a divisar, num doce bruxolear incipiente, o vulto de uma grande Ideia a realizar...

OS CONGRESSOS

Perdida a esperança de que a guerra seja de facto guerreada pelos homens, as mulheres começam a reunir-se para a combater. Elas procuram já darem-se as mãos através do oceano sem distinção de raças, de religião, de educação ou de classe. O coração tem em todas a mesma côr.

Cansadas de rezarem sem terem sido ouvidas pelo Céo; cansadas de

suplicar aos homens seus companheiros a cessação de odios fratricidas; cansadas de chorar sem que as suas lagrimas tenham o poder de lavar a nódoa de tais crimes, tomaram a resolução de se unirem e fazerem os congressos. O seu sonho não se restringe ás conveniências pessoais, alargou-se, emplumou-se, paira sobre o mundo. é o da paz permanente.

Ninguem se ria da utopia. Tudo que é belo foi utopia antes de ser realidade.

Que o vulgo chame aos propugnadores da paz permanente — de perseguidores de quimeras e sorria da sua loucura? Que importa!?; que procure arrefecer-lhes o entusiasmo ge-

neroso com as afirmações de que emquanto o mundo fôr mundo e o homem fôr homem, existirá a guerra? Que importa ainda?! Se não houvesse convencimento de que as dificuldades para a realização desse desejo são quasi insuperaveis, não seria preciso que estadistas de alta mentalidade as discutissem nem que as mulheres organizassem congressos para as estudar.

Mal sabemos ainda quais os meios por que as mulheres exercerão a sua propaganda pela paz, mas como em quasi todas as grandes evoluções sociais, eles serão naturalmente desempenhados, com maior eficacia, pelas pessoas mais modestas, como sejam

as professoras das escolas mixtas e populares. Os homens crescem depressa embora os povos andem de vagar. O menino de hoje é o adulto de amanhã, em que fica sempre alguma cousa da moral que lhe ensinaram na infancia. Por isso é preciso que nessa infancia lhe repitam com simpatia e persuasão, tudo quanto possa concorrer para o tornar humanitario, avesso a intrigas e aos odios da politica fazendo-os sentir que muitas vezes a causa das guerras, em que os mais inocentes são os mais sacrificados, reside em bem pouco: uma mentira; um gesto falso; um nada, em que se extravasou toda uma perfidia.

Louvar diante de crianças façanhas de guerra é dar-lhes a saborear pastilhas venenosas. Antes da mestra, já a mãi, da nova doutrina, terá embalado o berço do seu filho com as cantigas em que se exalcem só ações de Bondade e de Justiça. Precisamos acalmar o coração do mundo. Basta de odios!

Do berço á cadeira dos parlamentos o caminho, mesmo o mais curto, dá margem para a receptividade de muitas sugestões. Se a mãi, a mestra, a irmã, a amiga, a amante, a esposa, emfim, toda a mulher a qual ele se chegue falar sempre ao homem contra a guerra em tom sincero, claro, apaixonado e persuasivo, esse ho-

mem acabará por se sentir penetrado do mesmo sentimento de respeito pela vida humana. E nós não sabemos o que é a morte, mas sabemos o que é a vida e é justo que procuremos torna-la tão larga e tão util, quanto possivel.

Quero crer que a morte seja a continuação das maravilhas que nos extasiam; uma viagem talvez para um outro planeta rutilante e para o qual caminhemos sorrindo.

Mas não basta crer, é preciso ter a certeza, e a unica certeza que nós mulheres temos neste mundo é que a vida dos filhos é-nos mais sagrada do que a nossa propria vida, para a não querermos defender a todo o

preço. De resto, para que tanta pressa em se sahir deste mundo? Ninguem deixará de passar a seu tempo pela porta fatídica. Dela, sabemos o que ha deste lado, mas que haverá do outro?

O resultado da intervenção directa da mulher na sociedade futura, será um mal? será um bem? A minha inteligência mal nutrida, ainda entravada por obstaculos tradicionais que a não deixaram correr livremente para o destino que a atraiu, parece que essa intervenção lhe deva ser benéfica, porque lhe dará um elemento que até aqui lhe tem faltado: — o sentimento — e a tornará só com

isso mais equilibrada e mais justa. As qualidades femininas de observação, tino, sagacidade, moralidade e bom senso, se fundirão ás primazias da inteligencia masculina e do conjunto das duas espiritualidades resultará senão uma absoluta e inhumana perfeição, ao menos, quem sabe? uma acção mais harmoniosa do que a que nos tem até hoje governado...

Emquanto durou a guerra a mulher só teve uma ideia: atenuar com seu trabalho e a sua clemência os que nela eram sacrificados. A propaganda para a Paz Permanente ficou adiada para os dias de lucidez.

Não teria chegado o momento, de, tambem nós trabalharmos pelo mesmo ideal? Em Portugal a «Cruzada das Mulheres Portuguezas», nos Estados Unidos a Grande Commissão do Segundo Congresso Pan-Americano, na Hollanda a Liga Feminina «For Permanent Peace», na Australia, na Suecia, na Italia, na Argentina, desabrocha o mesmo esforço em prol do grande problema inquietador.

Será ele decifravel? Esperemos que sim, mas, se o não fôr, não deixará por isso de ser um belo sonho e de concorrer, em muito, para o aperfeiçoamento moral das criaturas.

***

Vi um dia uma fita cinematográfica de que jamais me esquecerei: *Civilização*.

Interrompendo os quadros convulsivos da guerra que teciam a trama do seu episodio, aparecia de vez em quando uma marcha cerrada, anelante e imensa de mulheres de todas as idades e condições. Havia em todas uma expressão resoluta e séria denunciadora do pensamento novo.

Até onde poderão elas ir naquelle caminhar sem repouso?

Ninguem o póde imaginar ainda, mas sabe-se que elas não voltarão atraz e que o seu exército é cada vez maior e mais esclarecido.

ORAÇÃO DA BANDEIRA

Oração proferida no Campo de S. Cristovam pela autora ao entregar aos alunos da Escola Militar a bandeira que lhes foi oferecida pelas Senhoras brasileiras.

Em 7 de Setembro de 1922.

ORAÇÃO DA BANDEIRA

Estremeci de jubilo na hora supremamente honrosa para mim, em que a nobre comissão de senhoras, que humilde e imperfeitamente aqui estou representando, me incumbiu de passar para as vossas mãos varonis a bandeira que os seus dedos amoraveis teceram com tamanho carinho quanto entusiasmo e paixão patriótica.

Quiseram essas senhoras, minhas conterraneas, que fosse uma voz de mulher que vos transmitisse com a sua dadiva o seu pensamento, e eu, receiando não o poder atingir em toda a sua magnitude, procurei expressa-lo pelo que sinto no meu. A afinidade dos sentimentos femininos conseguirá talvez que eu o não atraiçôe...

Eis-me pois diante de vós, não como oradora, para o que me falecem os atributos da eloquncia, da sonoridade da voz e do fulgor das imagens, que dão á filosofia dos conceitos o brilho que seduz e a harmonia que arrebata, mas como alma em

que todas as almas femininas se resumem, alma maternal e amiga, cheia de fé em vós, cheia de esperança nos destinos claros da nossa grande Patria comum.

Soldados! Entre vós que me ouvis, e a quem com todo o coração me estou dirigindo neste instante de vibração comovida, haverá quem tenha aprendido a lêr, no seu curso primário, em algum dos meus livros infantis, e de um deles talvez mesmo tivesse decorado certa pequena pagina, por ocasião das solenidades festivas da Escola, pagina ha perto de trinta anos frequentemente recitada pelos colegiais brasileiros e que tem por

titulo estas palavras — «A nossa Bandeira» — É um hino. Foi o primeiro que se escreveu sobre tal assunto para os leitores pequeninos do nosso pais, e a que só aludo agora para vos relembrar a sinceridade do meu culto por essa representação simbolica da nossa nacionalidade. As palavras que a mão comovida e nervosa da escritora traçou então nesses curtos periodos sugestivos, se não são as mesmas com que ela agora vos está falando, querem significar o mesmo sentimento de amor, de justiça e de respeito pela Humanidade. Sem esses preitos não ha grandes Patrias. Que esta bandeira com tanto ardor trabalhada e com tanto entusiasmo efe-

recida pelas senhoras desta cidade, vos inspire sempre bons pensamentos, que ela vos guie com intrepidez e orgulho em bem da terra amada em que nascemos, mas jámais vos incite a atacar em outras o direito e a paz dos seus povos. A mulher brasileira só admite o armamento dos seus filhos pela certeza em que está de que as armas jámais serão nas suas mãos objecto de ofensa ou de conquista, mas sempre de salvaguarda e de defesa.

Nas pátrias antigas a bandeira nacional é sobretudo o simbolo do passado; reflectem-se nela séculos longos de glória guerreira, nem sempre pura; toda a evolução do po-

vo, desde os primordios confusos em que as primeiras tribus nómades acamparam á confluência de dous rios, formando com o primeiro centro rudimentar de comercio, o nucleo primacial da patria; toda a historia da nação, entretecida de dores e alegrias, ora lugubre e torva, em periodos de opressão e desgraça, ora radiosa e sublime, em épocas de expansão, de exaltação colectiva em torno de um ideal de beleza superior, a bandeira as reflecte, as representa, as incarna. Para nós, povos novos do continente novo, a bandeira não é lembrança, não é memória, não é passado; é desejo, é sonho, é ideal, é futuro! Os anos de vida dos povos

contam-se por séculos, e nós só agora comemoraremos o primeiro aniversario da nossa vida. O nosso passado é de ontem; as nossas energias, a nossa capacidade de acção no mundo, a eficiencia do nosso esforço colectivo de trabalho honesto, a elevação, a nobreza dos nossos ideais de justiça e de perfeição moral, só no futuro se poderão praticar e utilmente afirmar na terra, em beneficio dos homens. E é o sentimento desse futuro, o presentimento dessa grandeza, a certeza certa desse fim, que aos nossos olhos avidos e sofregos a bandeira do Brasil representa. Por isso a vêdes cheia de estrelas...

Nós mulheres, pacifistas como o

nosso sentimento nos determinou que fossemos desde que a nossa inteligencia se abrio ao sol da razão, e o nosso coração pôde adivinhar a dôr mesmo antes de a sentir, nós, as mulheres, a quem a Maternidade esclarece, precisariamos exprimir-nos em linguagem peregrina, de tão claros termos, tão convincentes, que todos os homens nos entendessem, na atenção que nos prestam e que até ha bem pouco nos negavam, porquanto para os homens, a lingua em que nós falavamos, em que vasavamos todo o espirito do nosso ser, tinha apenas um nome — Utopia — e nenhum sentido mais! Mas as horas que passam mudam, com as suas sucessivas

vagas de luz e de sombras, o aspecto e o vulto real das cousas e das ideias universais.

O que era apenas suposta nevoa obscurecendo o horizonte, aparece-nos depois aos olhos como solida montanha, por cuja encosta se despenham rios e onde o arvoredo ergue frondes de tufosa ramagem.

O pacifismo das mulheres já não ilude ninguem. Ele já não é sómente um traço imaginario e longinquo na politica de todos os povos; é um porto, onde ancoram frotas de guerra, frotas combativas não pelo dominio, não pela usurpação, não pela gloria do renome vão ou da fortuna incerta, mas pela Justiça e pela Fraternidade!

Notai que eu não uso aqui da palavra Bondade, sentimento mais de piedade que de Justiça, de nolição que de acção; este brota, espontaneo das almas; aqueles, nascem do raciocinio. Saber raciocinar, ser capaz de faze-lo, é grande virtude de povos talvez a maior. Em nenhum momento da historia do Mundo este convencimento fez penetrar tão profundamente em nosso peito de mulher as suas raizes vivas e ardentes e nunca tão nitidamente compreendemos todas quanto a manutenção da paz entre as nações mal dispostas é mais dificil, mais nobre e mais exigente de sacrificios altos e dolorosos que a guerra, a que os homens embai-

dos são quasi sempre levados, ás tontas, por impulsos tão repentinos quanto transitorios de paixão. Saber elucidar, saber distinguir a Verdade, saber resistir, saber dominar os assomos irreflectidos da cólera momentanea com altivez, com razão imposta pela vontade e pela reflexão forçadamente serena, é virtude tão excelsa que atinge á sublimidade suprema e torna o homem superior a si mesmo! É este o sonho de todas as mulheres; é pelo menos este o sonho de todas as Mãis!

Ao ofertar-vos em nome das minhas conterraneas a bandeira tecida pelos dedos diligentes com o pensamento em vós, que sois o sangue vi-

vo e moço da nossa patria adorada, eu quereria que a sua projecção desenhasse no sólo fecundo da nossa terra a sombra de uma outra bandeira, espiritual, em que se casassem todas as côres do prisma; uma outra bandeira até aqui nunca desenhada pelas mãos do egoismo, nem vista pelos olhos da inveja ou da ambição arvorada em mastros da terra ou do mar, uma bandeira em que todas as outras bandeiras do Globo se contivessem harmonizadas, a bandeira da Humanidade, a Bandeira Universal!

Se o nosso estandarte não é o unico em que fulguram estrelas, é, todavia o unico em que se reproduz o Céo! Encurva-se nele como se en-

curva sobre a Terra, a massa azul do firmamento, lampejante, palpitante de astros! E o Céo é de todos! O tesouro das estrelas é cabedal comum de todos os homens capazes de erguerem ao alto a vista do pensamento!

Soldados! Entrego-vos em nome da mulher brasileira, o lábaro celestial, o estandarte das estrelas, o pavilhão da Paz!»

O QUE SE DISSE DESTA OBRA QUANDO PUBLICADA EM FOLHETIM

MATERNIDADE»

Iniciamos hoje a publicação de uma obra da insigne escriptora Sra. D. Julia Lopes de Almeida, a quem já tanto devem, no romance, no theatro, na chronica de iornal e no livro didactico, as lettras brasileiras.

Como é sabido, a Sra. D. Julia Lopes de Almeida tem, nos ultimos annos, entremeado os volumes de pura ficção como a *Isca* — serie magnifica de novellas onde a sua imaginação e o seu engenho de narradora se tornaram igualmente admiraveis — com obras de tendencia educativa, cuja alta utilidade não póde ser posta em duvida. A esta preciosa categoria pertence o *Correio da roça*, a *Arvore*, o *Jardim florido*, livros cheios de talento e de sentimento, em cujas paginas se contêm as lições mais

generosas de amor á terra e ao lar. É uma cruzada de peregrina belleza a que a Sra. D. Julia Lopes de Almeida emprehendeu, com a sua vasta e profunda cultura, o seu esmero de artista e os dotes de um coração que, tão ditosamente repartido por seu esposo e seus filhos, tem sempre mananciaes de ternura a distribuir por outra familia extremecida: a Familia Brasileira.

A esse luminoso apostolado de intelligencia e affecto pertence a obra *Maternidade*, que hoje começamos a publicar.

(*Jornal do Commercio*, 19 de Agosto de 1924).

PELA GLORIA DAS MÃES

D. Julia Lopes de Almeida está publicando, actualmente, na imprensa carioca um formoso estudo, intitulado «Maternidade» e em que se bate, com as armas severas da logica, pela rehabilitação da mulher, na sociedade e no mundo. São formosas columnas de critica vigorosa. aos erros, ás omissões e aos preconceitos contemporaneos e antigos, com o proposito unico de cercar as mulheres, no lar ou na vida intensa, de uma atmosphera mais densa de respeito.

O capitulo publicado hontem é, por exemplo, um grito amargo, e ainda opportuno, contra a iniustiça da Historia. Allude elle á ingratidão dos homens de genio, que esquecem, breve, o que esse mesmo genio deve á criatura que os gerou. E observa: «Ninguem sabe quem

foi a mãe de Dante; ninguem sabe quem foi a mãe de Shakespeare».

A proposito deste ultimo, tem D. Julia Lopes estas palavras de censura e de critica perspicaz, que convém reproduzir:

«É espantoso que, em toda a obra deste poeta, entre todos o maior conhecedor do coração humano, e quem melhor soube encarnar em personagens eternas, os sentimentos mais activos do homem de todos os tempos, não figure nenhuma representação sequer do amor maternal!

Ao contrario: na galeria maravilhosa e tão profundamente verdadeira de Shakspeare, se ainda ha molduras de veneração para os paes, para as mães não ha nada, porque ellas ou são más, ou são nullas e muitas vezes a necessidade da sua acção é preenchida, por aias ou por madrastas.

Hamlet fala á sombra do pae e não perdôa á mãe, criminosa.

Ophelia venera Polonio, como Cordelia adora o Rei Lear. Miranda repousa em Prospero; Jessica obedece a Schylock; Desdemona refere-se ao senador Brabantio; Marina é filha

> de Péricles; Branca, de Affonso, rei de Castellá; e Margarida, de Reignier, duque de Anjou. O exemplo poderia ser mais extenso: Lavinia, Cressida, Thaisa, Lady Mortimer, não me lembra tel-as visto jámais acompanhadas pelo vulto amoroso da mãe... As outras figuras do peregrino poeta ou têm madrastas ou mães insignificantes. E é, comtudo, mais velho do que o maravilhoso poeta inglez, o aphorismo que diz que «A vida e os livros ensinam muita coisa ao homem, mas as mais bellas e profundas que elle sabe, são ainda as que aprendeu no regaço materno».

D. Julia Lopes emprehendeu, agora, a campanha mais nobre, talvez, e, positivamente, mais efficaz, porventura travada neste paiz. Haja bons filhos, e haverá, no Brasil, bons esposos, bons paes, bons artistas, bons politicos, bons cidadãos.

HUMBERTO DE CAMPOS.

(*O Imparcial*, 23 de Agosto de 1924).

INDICE

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 24 DE AGOSTO DE 1925